

# Introdução à Kabbalah



Organizador:  
Jafar Al-Sadiq  
1ª Edição

## Kabbalah Básica

Do grupo **Estudos Kabbalah**

### Introdução

Esta é uma obra-coletânea de livros/pdf sobre a Kabbalah. Foram retirados excertos de livros sobre assunto que facilmente se encontra na internet ou mormente em grupos. O propósito dessa coletânea é reunir o melhor conteúdo em um só lugar para aqueles que estão começando a adentrar nos mistérios dessa ciência, sendo assim, todo o conteúdo é para iniciantes e intermediários.

### Notas explicativas

Saudações, meus caros! Meu pseudônimo é Jafar Al-Sadiq, elaborei esta pequena apostila para facilitar e dar as primeiras impressões gerais da Kabbalah para iniciantes e intermediários.

Enquanto eu reunia os conteúdos decidi montar todo o PDF para a internet em geral, a princípio, o intuito era usar-lo como base dos estudos do grupo, um guia; que seria de fácil introdução ao estudo, que seja didático, coeso e com a vantagem de reunir vídeos-aulas para o complemento do estudo, o tornando mais inteligível.

Esse conjunto de aborgagem de ensino se ajusta também a rotina moderna. Não é novidade que grande parte de nós carecemos de tempo livre, por este motivo separei a apostila em partes e com videos-aulas complementares, para ser estudada paulatinamente, num ritmo lento, porém eficaz. O ideal é esse, estudar lentamente, assimilando os conceitos sem pressa.

É recomendado que assista aos videos, ler atentamente e habituar há dar algumas pausas durante a leitura, dando espaço a reflexões do que foi/está aprendendo. É preferível reler, se assim o desejar. Se houve duvidas, não hesite em buscar respostas no grupo ou em qualquer midia social de sua preferência. A vantagem do estudo coletivo é o auxilio mutuo durante o aprendizado, não se esqueça disso.

A apostila não é perfeita. Fiz todo o trabalho de elaboração sozinho, dedicando algumas horas durante as semanas, portanto, é passível de haver erros de formatação ou ortografias. Lembrando que todo o conteudo é formado de trechos retirados de outros livros, logo, é esperado estilo de escrita cambiar em algumas partes. O que não altera em nada a relevância do conteúdo explicado.

Deixarei o link do grupo de estudos no final da apostila, caso queiram adentrar.

Mantenha-se forte. Mantenha-se bem.

Bons estudos!

*Eis que antes das emanções serem emanadas e as criaturas serem criadas,  
A Luz Superior Simples tinha preenchido toda a existência.  
E não havia vazio, tal como ar vazio, e um vácuo,  
Mas tudo estava preenchido com essa Luz Simples Ilimitada.  
E não havia tal parte como uma cabeça, ou fim,  
Mas tudo era Uma, Luz Simples, equilibrada igual e uniformemente,  
E esta foi chamada “a Luz de Ein Sóf (Infinito)”.*

*E quando sob a Sua Simples Vontade, veio o desejo de criar os mundos e emanar as emanções,  
Para trazer à luz a perfeição das Suas ações, Seus nomes, Suas denominações,  
Que foi a causa da criação dos mundos,  
Então, Ein Sóf restringiu-se a Si Mesmo, no Seu ponto médio, precisamente no centro,  
E Ele restringiu essa Luz, e afastou-se para longe para os lados que rodeiam aquele ponto médio.  
E lá permaneceu um espaço vazio, o ar vazio e o vácuo  
Precisamente do ponto médio.  
Eis que essa restrição foi igualmente ao redor desse ponto médio vazio,  
Para que o espaço vazio circulasse uniformemente ao seu redor.  
E após a restrição, permaneceram um espaço vazio e vago  
Precisamente no meio da Luz de Ein Sóf,  
Um lugar foi formado, onde as Emanções, Criações, Formações e Ações possam residir.  
Então da Luz de Ein Sóf, uma única linha pendeu do Alto, baixando para aquele espaço.  
E através dessa linha, Ele emanou, criou, formou e fez todos os mundos.  
Antes destes quatro mundos, no Ein Sóf havia Ele e Seu Nome são Um, em maravilhosa, oculta união,  
E até nos ângulos mais próximos a Ele  
Não há força nem realização em Ein Sóf  
Pois não há mente criada que O possa alcançar,  
Pois Ele não tem lugar, limite ou nome.*

– O Ari, A Árvore da Vida, Parte Um, Portão Um

*“Nenhum Estudante jamais realizará qualquer progresso no desenvolvimento espiritual se saltar de um sistema a outro, utilizando ora algumas afirmações do novo pensamento, ora alguns exercícios de respiração e posturas meditativas da ioga, para prosseguir depois com algumas tentativas nos métodos místicos de oração. Cada um desses sistemas tem o seu valor, mas esse valor só é real se o sistema é praticado integralmente. O estudante que pretende ser um eclético antes de Ter obtido muita prática jamais será mais do que um diletante. A experiência tem demonstrado com regularidade infalível que os métodos de desenvolvimento psíquico que são efetivos e satisfatórios para o recluso, produzem estados neuróticos e colapsos na pessoa que procura segui-los suportando concomitantemente as tensões da vida moderna. A Magia Branca consiste na aplicação de poderes ocultos para fins espirituais e é ela que propicia boa parte do treinamento e do desenvolvimento do aspirante ocidental. A pessoa que tenta renunciar ao cerimonial trabalha em grande desvantagem. A experiência prova que a Qabalah fornece o melhor plano fundamental e o melhor sistema para o adestramento do estudante, antes que ele esteja apto a fazer experiências com os sistemas pagãos.” -*

*Dion Fortune, A Cabala Mística.*



## História da Cabala e do Zohar

O primeiro Cabalista que conhecemos foi o patriarca Abraham. Ele percebeu as maravilhas da existência humana, propôs perguntas a respeito do Criador, e os mundos superiores lhe foram revelados. Transmitiu às gerações seguintes o conhecimento adquirido e o método usado para adquiri-lo. A Cabala foi transmitida oralmente durante muitos séculos. Cada Cabalista agregou sua experiência única e sua personalidade a este corpo de conhecimento acumulado, na linguagem própria para as almas de sua geração. A Cabala continuou a desenvolver-se depois que a Bíblia (os 5 livros de Moisés) foi escrita. No período compreendido entre o Primeiro Templo e o Segundo (586 AEC \* antes da era comum – 515 AC), já se estudava Cabala em grupos. Depois da destruição do Segundo Templo (70 \*EC – era comum) e até a nossa geração, houve três períodos particularmente importantes no desenvolvimento da Cabala, nos quais apareceram os mais importantes escritos a respeito de seus métodos de estudo. O primeiro período teve início durante o século III, quando o livro do Zohar foi escrito por Rav Shimon Bar Yochai (150 – 230), o "Rashbi", um aluno de Rav Akiva (40 – 160). Rav Akiva e muitos dos seus estudantes foram torturados e assassinados

pelos romanos, que se sentiram ameaçados pelo ensinamento da Cabala. Depois da morte de 24,000 dos seus discípulos, Rav Akiva e Rav Yehuda Ben Baba autorizaram o Rashbi a transmitir a Cabala que lhe havia sido ensinada.

Somente o Rav Shimon Bar Yochai e outros quatro estudantes haviam sobrevivido à matança e, depois da captura e encarceramento do Rabí Akiva, o Rashbi escapou com seu filho Eliezer. Viveram numa gruta durante 13 anos. Eles saíram da gruta com o Zohar, com um método completo para o estudo da Cabala e tendo atingido a espiritualidade. Rashbi alcançou os 125 níveis que um ser humano pode conseguir durante sua vida neste mundo. O Zohar nos relata que ele e seu filho atingiram o nível denominado "Eliahu o Profeta", o que significa que o próprio profeta em pessoa vinha ensinar-lhes. O Zohar é um livro escrito em forma de parábolas e em aramaico, um idioma que se falava nos tempos bíblicos. O Zohar nos diz que o aramaico é o "inverso do hebraico", o lado oculto do hebraico. Rabí Shimon Bar Yochai não o escreveu ele mesmo, mas transmitiu a sabedoria e a forma de atingi-la metodicamente ditando seu conteúdo a Rav Aba. Aba redigiu o Zohar de maneira que só pudessem entendê-lo aqueles que fossem dignos disso. O Zohar explica que o desenvolvimento humano se divide em 6.000 anos, durante o qual as almas transitam em um processo de desenvolvimento contínuo a cada geração. Ao final do processo, todas as almas atingem o "fim da correção", isto é, o nível mais elevado de espiritualidade e perfeição. Rabí Shimon bar Yochai foi um dos maiores de sua geração. Escreveu e interpretou muitos temas Cabalísticos que foram publicados e são conhecidos até o dia de hoje. O livro do Zohar, por sua vez, desapareceu depois de ser escrito. Conta a lenda que os escritos do Zohar permaneceram ocultos numa gruta perto de Sfat, em Israel. Foram encontrados vários séculos depois por residentes árabes da região.

Um dia, um Cabalista de Sfat comprou pescado no mercado, descobrindo com surpresa o valor inestimável do papel em que estava embrulhado. Imediatamente se dedicou a comprar dos árabes o resto das peças, reunindo-as num livro. Isto ocorreu porque está na natureza das coisas ocultas que elas sejam descobertas no momento oportuno, quando as almas adequadas reencarnam e ingressam no nosso mundo. Deste modo o Zohar foi revelado ao longo do tempo. Pequenos grupos de Cabalistas estudaram estes escritos em segredo. No século XIII, na Espanha, Rav Moshé de León publicou este livro pela primeira vez. O segundo período de desenvolvimento da Cabala é muito importante para a Cabala de nossa geração. É o período do Ari, Rav Isaac Luria, autor da transição entre os dois métodos de estudo da Cabala. Nos escritos do Ari aparece pela primeira vez a linguagem pura da Cabala. Ari proclamou o começo de um período de estudo aberto e em massa da Cabala. Ari nasceu em Jerusalém em 1534. Tendo perdido o pai ainda pequeno, sua mãe o levou ao Egito, onde criando-o na casa de seu tio. Durante sua vida no Egito, mantinha-se graças ao comércio, mas dedicava a maior parte de seu tempo

ao estudo da Cabala. Segundo a lenda, passou sete anos isolado na ilha da Roda no Nilo, estudando o Zohar, os livros dos primeiros Cabalistas e os escritos de outro membro de sua geração, o "Ramak", Rav Moisés Cordovero. Em 1570, chegou a Safed, em Israel. Embora jovem, começou imediatamente a ensinar Cabala. Sua grandeza foi logo reconhecida; todos os sábios de Safed, muito versados na Torá revelada e na oculta, vieram estudar com ele, que se tornou famoso. Durante um ano e meio, seu discípulo Chaim Vital registrou as respostas a muitas das perguntas que surgiam durante seus estudos. Alguns destes textos foram escritos pelo Ari, conhecidos por nós como "Etz Hachayim" (A Árvore da Vida) "Sha'ar Hakavanot" (O Portal das Intenções), "Sha'ar Hagilgulim" (O Portal da Reencarnação) e outros. Ari nos legou um sistema básico para estudar a Cabala, que continua vigente até o dia de hoje. Ari faleceu ainda jovem, em 1572. Segundo sua vontade, seus escritos foram arquivados, para que a sabedoria não fosse revelada antes do tempo certo. Os grandes Cabalistas forneceram o método e o ensinaram, mas sabiam que sua geração era ainda incapaz de apreciar sua dinâmica. Por isso preferiram muitas vezes esconder ou mesmo queimar seus escritos. Sabemos que Baal HaSulam queimou e destruiu a maior parte de seus escritos. É significativo o fato do conhecimento ter sido confiado ao papel e depois destruído. O que se revela no mundo material tem efeitos no futuro e será mais facilmente revelado uma segunda vez. Rav Vital ordenou que certas seções dos escritos do Ari fossem ocultas e enterradas com ele. Uma parte foi legada a seu filho, que as organizou como "As Oito Portas". Muito depois, um grupo de estudiosos liderados pelo neto de Rabí Vital resgataram da tumba a outra parte dos escritos. Apenas nos tempos do Ari, começou-se a estudar o Zohar em grupos abertamente. A partir dali, o estudo do Zohar prosperou durante duzentos anos. No grande período da Hassidut (1750 – fins do século XIX) praticamente todo grande rabino era um Cabalista. Apareceram Cabalistas principalmente na Polônia, Rússia, Marrocos, Iraque, Yemen e outros países. Depois, no início do século XX, o interesse pela Cabala decaiu até quase desaparecer por completo. O terceiro período agrega um método adicional às doutrinas do Ari, redigido em nossa geração por Rabí Yehuda Ashlag, autor da interpretação Sulam (escada) do Zohar e dos ensinamentos do Ari. Este método mostra-se particularmente apropriado para as almas de nossa geração. Rav Yehuda Ashlag, conhecido como "Baal HaSulam" por sua versão Sulam do Zohar, nasceu em 1885, em Lodz, na Polônia. Durante sua juventude, absorveu um profundo conhecimento da lei oral e escrita, sendo depois juiz e mestre em Varsóvia. Em 1921 emigrou para Israel com sua família, ocupando o posto de rabino de Givat Shaul, em Jerusalém. Já estava imerso na redação de sua própria doutrina quando começou a escrever o comentário do Zohar em 1943. Baal HaSulam terminou de redigir seu comentário do Zohar em 1953. Morreu no ano seguinte, tendo sido enterrado no cemitério de

Givat Shaul em Jerusalém. Sucedeu-lhe seu filho mais velho, Rav Baruch Shalom Ashlag, o "Rabash". Seus livros estruturam-se segundo as instruções de seu pai. Elaboram com elegância os escritos paternos legados à nossa geração, facilitando seu entendimento.

Rabash nasceu em Varsóvia em 1907, emigrando para Israel com seu pai. Somente depois de seu casamento o pai lhe permitiu integrar os seletos grupos de estudo da sabedoria oculta -a Cabala. Rapidamente o autorizou a dar aulas para iniciantes. Depois da morte de seu pai, encarregou-se de continuar ensinando o método especial que tinha aprendido. Apesar de seus grandes feitos, insistiu, como seu pai, em manter um modo de vida muito modesto. Ao longo de sua vida trabalhou como sapateiro, pedreiro e empregado de escritório. Vivia exteriormente como uma pessoa comum, mas dedicava cada minuto livre ao estudo e ao ensino da Cabala. Rabash faleceu em 1991. Rav Yehuda Ashlag, o Baal HaSulam, é o líder espiritual adequado para nossa geração. É o único de sua geração que escreveu um comentário completo e atualizado do Zohar e dos escritos do Ari. Estes livros e os ensaios de seu filho, Rav Baruch Ashlag, o Rabash, são a única fonte que dispomos nos ajudar em nosso progresso espiritual. Ao estudar seus escritos, estamos estudando na verdade o Zohar e os escritos do Ari através dos comentários mais recentes (últimos 50 anos). Atuam como cinto de segurança para nossa geração, pois nos permitem estudar textos antigos como se tivessem sido escritos agora, usando-os como trampolim para a espiritualidade. O método do Baal HaSulam serve para todos. A Sulam (escada) que construiu em seus escritos assegura que nenhum de nós deve temer o estudo da Cabala. Todo aquele que estudar Cabala durante três a cinco anos subirá às esferas espirituais, à realidade total e ao "entendimento divino", nome do que está acima (além) de nós e do que ainda não percebemos. Estudando segundo os livros de Rav Yehuda Ashlag, atingiremos a autêntica correção.

O método de estudo tem por objetivo despertar em nós o desejo de compreendermos os mundos superiores. Aumenta nosso desejo de conhecermos nossas raízes e de conectar-nos com elas. Então seremos capazes de nos aperfeiçoar e de nos auto-realizar. Os três grandes Cabalistas são uma mesma alma, que apareceu uma vez como Rav Shimón, em uma segunda ocasião como o Ari e uma terceira vez como Rav Yehuda Ashlag. Cada ocasião correspondeu ao momento oportuno de maturidade e merecimento de cada geração, descendo a alma para ensinar o método adequado. As gerações são cada vez mais dignas de descobrir o Zohar. O que foi escrito e oculto por Rav Shimón Bar Yochai foi descoberto mais tarde pela geração de Rabí Moshé de León e depois pela do Ari, que começou a interpretá-lo em termos de Cabala. Estes escritos também foram arquivados e depois parcialmente redescobertos a seu devido tempo, enquanto nossa geração tem o privilégio de aprender com o Sulam, que habilita a qualquer

um a estudar a Cabala e a autocorrigir-se já. Vemos que o Zohar fala a cada geração. À medida que passam as gerações, o livro é mais revelado e melhor compreendido. Cada geração abre o livro do Zohar a seu modo, segundo as raízes de sua alma. Ao mesmo tempo, tenta-se ocultar os escritos cabalísticos, para que os que sintam a necessidade os procurem e descubram por si mesmos. Os Cabalistas sabem evidentemente que o processo de mudança requer duas condições: momento adequado e maturidade da alma. Somos testemunhas de um acontecimento muito interessante, caracterizado pelo surgimento e a sinalização de uma nova era no estudo da Cabala.

## O que é a Kabbalah?

(Tradução do 2o capítulo do livro de Rav Laitman, Kabbalah for Beginners) A Kabbalah é um método simples e preciso que investiga e define a posição do homem no universo. A sabedoria da Kabbalah nos ensina a razão pela qual o homem existe, por que ele nasceu, por que ele vive, qual o propósito de sua vida, de onde ele vem e para onde ele vai após completar sua vida neste mundo. A Kabbalah é o único método para atingir o mundo espiritual. Ela nos ensina sobre o mundo espiritual e, estudando esse assunto, nós desenvolvemos outro sentido. Com a ajuda desse sentido nós podemos entrar em contato com os mundos superiores. A Kabbalah não é um estudo abstrato ou teórico, ao contrário, é muito prático. O homem aprende sobre si mesmo, quem ele é, como ele é. Ele aprende aquilo que ele precisa fazer agora para se modificar, estágio por estágio, passo a passo. Ele conduz sua pesquisa através de seu eu profundo. Toda a experiência é conduzida sobre ele mesmo, no interior dele. É por isso que a Kabbalah é chamada “A Sabedoria Oculta”;. Através da Kabbalah, a pessoa promove modificações internas = que somente ela pode sentir e saber que estão acontecendo, escondidas do olhar dos outros. Essa atividade ocorre internamente; é única para cada pessoa e somente para ela.

A palavra Kabbalah vem da palavra hebraica lekabbel, receber. A Kabbalah descreve os motivos das ações como o “desejo de receber”: 1 - Esse desejo refere-se a receber várias espécies de prazer. Para receber prazer, normalmente a pessoa precisa investir um grande esforço. A questão é, como alguém pode atingir a máxima quantidade de prazer pagando o mínimo preço por isso? Todos tentam responder a essa questão ao seu próprio modo. Há uma certa ordem na maneira como o desejo de receber se desenvolve e cresce. No primeiro estágio ele cobiça prazer físico. Então ele passa a procurar dinheiro e honra. Um desejo ainda mais forte o faz sedento de poder. Ele pode mais tarde desenvolver um desejo por

espiritualidade, que está no topo da pirâmide. Uma pessoa que reconhece o quão grande é seu desejo por espiritualidade começa a procurar modos de satisfazê-lo. A passagem pelos estágios do desejo de receber faz com que uma pessoa se torne familiarizada com suas habilidades e limitações. A Kabbalah lida com aquilo que não podemos apreender, já que não temos controle sobre isso. Nós não sabemos como os sentimentos são criados. Nós imaginamos experiências como doce, amargo, agradável, desagradável e assim por diante. Não temos sucesso em construir ferramentas científicas para examinar nossos sentimentos, mesmo no campo da psicologia, psiquiatria e outras ciências que lidam com seres humanos. Fatores comportamentais permanecem ocultos de nossa compreensão. A Kabbalah é como a matemática dos sentimentos: ela toma o total de nossos sentimentos e desejos, os divide e fornece uma fórmula matemática exata para cada um e todos os fenômenos, em cada nível, para todos os tipos de compreensão e sentimento. Trata-se do trabalho dos sentimentos combinados com o intelecto. Ele usa, para estudantes principiantes, geometria, matrizes e diagramas. Aqueles que começam a avançar encontram uma ciência muito exata que examina sentimentos. Enquanto estudam, eles sentem cada sentimento e simultaneamente, o compreendem. Eles sabem que nome deve ser dado a cada sentimento de acordo com seu poder, direção e caráter. A sabedoria da Kabbalah é um método antigo e comprovado. Através dele, o homem pode receber a mais alta consciência e atingir a espiritualidade. Essa é sua meta real neste mundo. Se uma pessoa sente o desejo por espiritualidade, se ela começa a ansiar por isso, ela pode desenvolver o desejo através da sabedoria da Kabbalah, que é garantida pelo Criador. Kabbalah é uma palavra que descreve a intenção do cabalista: de atingir tudo aquilo de que o homem é capaz, como ser pensante, a mais alta das criaturas.

A Kabbalah deve ser definida como uma doutrina esotérica judia.

Em hebreu, é chamada QBLH, Qabalah, que é uma derivação da raiz QBL, Qibel, que significa "receber". A denominação desse conceito vem do costume de transmitir-se os conhecimentos esotéricos oralmente.

Essa transmissão está estreitamente ligada à "tradição".

## Quem é Kabbalista?

Um Kabbalista é uma pessoa comum como qualquer outra. Ele não precisa ter nenhuma estrutura, talento ou ocupação especiais. Ele nem mesmo precisa ser um homem inteligente, ou ostentar uma expressão santa. O Kabbalista é um

pesquisador que estuda sua própria natureza usando um método comprovado, preciso e suscetível de testes. Através da história, Kabbalistas estudaram a essência de sua existência usando ferramentas simples que todos nós podemos utilizar: sentimentos cotidianos, intelecto e coração.

Em um ponto de sua vida, ele decidiu procurar um caminho no qual pudesse encontrar respostas acreditáveis para as questões que o perturbavam. Utilizando um método preciso de aprendizado, ele teve sucesso em adquirir um sentido extra, um sexto sentido, que é o sentido espiritual. Através desse sentido, ele sente as esferas espirituais tão claramente quanto a realidade, assim como nós sentimos nossa realidade aqui; ele recebe conhecimento sobre as esferas espirituais, os mundos superiores, e a revelação de forças do Alto. Esses mundos são chamados mundos superiores porque estão além de nosso mundo, acima dele. O homem ascende de seu nível espiritual atual para o próximo, o mundo superior. Esse movimento o leva de um mundo superior para o próximo. Esses mundos são raízes das quais tudo o que existe se desenvolveu, tudo o que preenche nosso mundo, inclusive nós mesmos. O Kabbalista está simultaneamente em nosso mundo, e nos mundos superiores. Essa qualidade é compartilhada pelos Kabbalistas. Os Kabbalistas recebem a informação real que nos cerca, e sentem essa realidade. Assim, eles podem estudá-la, familiarizarem-se a ela, e nos ensinar. Eles nos revelam um novo método através do qual podemos encontrar a fonte de nossas vidas, e nos guiarmos para a espiritualidade. Eles nos dão esse conhecimento em livros que foram escritos numa linguagem especial. Precisamos ler esses livros de um modo especial, e então, também para nós, eles se tornam um vaso para a descoberta da verdade. Nos livros que escreveram, os Kabbalistas nos informam sobre as técnicas baseadas nas experiências pessoais dos seres humanos. Sob seu ponto de vista abrangente, eles encontraram o caminho para ajudar aqueles que seguiriam, e subiriam pela mesma escada, como eles fizeram. Seu método é chamado a sabedoria da Kabbalah.

## Por que estudar Kabbalah?

Quando uma pessoa comum estuda os escritos dos Kabbalistas, ela aprende sobre o que antes lhe era oculto. Somente após adquirir o sexto sentido através do estudo ela começa a ver e sentir o que antes não era revelado. Kabbalistas não transmitem seu conhecimento sobre a estrutura do mundo superior, do mundo espiritual, sem uma razão. Encontra-se em seus escritos um fenômeno importante: a capacidade de desenvolver um sexto sentido é inerente a todas as pessoas (ver capítulo sobre ciência e Kabbalah). Quando uma pessoa é exposta a materiais

Kabbalísticos, ela pode de início não entender o que está lendo. Mas ela quer entender, e tenta fazer isso ao seu modo; ela invoca o que se chama a luz circundante, a luz que a corrige; gradualmente a realidade espiritual se mostra a ela. As expressões corrigir e correção são usadas em Kabbalah para descrever uma mudança no desejo de receber, isto é, a aquisição das qualidades do mundo espiritual e do Criador. Todos têm esse sexto sentido ainda adormecido; ele é chamado o ponto no coração. Em oposição a ele O sexto sentido também é chamado o vaso espiritual (kli), e continua a existir mesmo sem realidade material. O vaso espiritual da pessoa comum não é suficientemente desenvolvido para sentir o mundo espiritual. Se ela estudar os escritos originais da Kabbalah do modo correto, essa luz brilha sobre o ponto no coração e começa a desenvolvê-lo.

O ponto então começa a alargar-se e expande-se suficientemente para permitir que a luz circundante o penetre. A entrada da luz nesse ponto dá à pessoa um sentimento espiritual. Esse ponto é a alma da pessoa. Nada é possível sem ajuda do alto, sem que a luz circundante desça do alto e gradualmente ilumine o caminho de uma pessoa. Mesmo que não reconheçamos essa luz, há uma conexão direta entre o ponto no coração e a luz que deverá preenchê-lo, como foi planejado pelo Alto. Estudar os livros de Kabbalah permite que a pessoa se conecte com a fonte da luz, e gradualmente passe a sentir um desejo por espiritualidade. Esse processo é chamado segulah (remédio). O Rabbi Yehuda Ashlag escreveu na Introdução ao Estudo das Dez Sefirot: Por que os Kabbalistas instruíram todas as pessoas a estudar Kabbalah? Embora seja grande e valioso tornar público que há uma qualidade incomparavelmente maravilhosa em estudar a sabedoria da Kabbalah, mesmo que as pessoas não entendam o que estão estudando, o tremendo desejo de compreender o que estão estudando desperta as luzes que cercam suas almas. Isso significa que está assegurada a qualquer pessoa a possibilidade de no final, atingir todos os maravilhosos feitos que o Criador reservou para nós quando planejou a criação. Aqueles que não os atingirem nesta encarnação o farão em outra, até que a intenção do Criador seja preenchida.

Mesmo que uma pessoa não atinja sua plenitude, as luzes estão destinadas a serem dela; as luzes circundantes esperam que a pessoa prepare seu vaso para recebê-las. Assim, mesmo quando não existem os vasos, quando uma pessoa penetra nessa sabedoria e chama pelos nomes as luzes e os vasos que estão esperando por elas e que lhes pertencem, essas luzes irão brilhar sobre ela, mesmo que apenas até um certo grau. Mas essas luzes não irão penetrar sua alma interior, até que os vasos estejam prontos para aceitá-las. A Kabbalah é o único meio para criar um vaso para receber a luz do Criador. A luz que a pessoa recebe quando penetra na sabedoria atrai encantamento celestial, bênção e abundância de santidade e pureza sobre ele, trazendo-a mais perto de atingir a plenitude. A

Kabbalah é especial porque dá à pessoa um sabor da espiritualidade enquanto ela está estudando, e dessa experiência em diante, ela passa a preferir espiritualidade ao materialismo. Na proporção de sua espiritualidade ela clarifica sua vontade, e aprende a se distanciar das coisas pelas quais se atraía anteriormente, da mesma forma que um adulto deixa de se sentir atraído por brincadeiras infantis. Por que precisamos da Kabbalah? Porque a Kabbalah nos foi dada como um trampolim para a mudança; para que possamos conhecer o Criador. Essas são as únicas razões pelas quais a Kabbalah foi dada. Quem quer que estude a Kabbalah com o objetivo de se modificar, de conhecer o Criador, alcança o estágio em que começa a ver que pode conseguir fazer isso, sem sofrimento.

## Quem pode estudar Kabbalah?

Quando se fala de Kabbalah, costuma-se mencionar os seguintes argumentos: "Pode-se ficar louco estudando Kabbalah"; "Só se pode estudar Kabbalah sem perigo depois dos quarenta anos"; "É preciso ser casado e ter pelo menos três filhos antes de embarcar em seu estudo"; "As mulheres estão proibidas de estudar Kabbalah", etc. **A Kabbalah está aberta a todos aqueles que desejem verdadeiramente autocorrigir-se para atingir a espiritualidade.** A necessidade provém do impulso da alma para a correção. Na verdade o único critério para determinar se alguém está pronto para estudar a Kabbalah é o seu desejo de correção. Este desejo deve ser genuíno e livre de pressões externas, já que só poderá ser descoberto em si mesmo. O grande Kabbalista Ari expressou que, a partir de sua geração, todos - homens, mulheres e crianças - podiam e deviam estudar a Kabbalah. O Kabbalista mais importante de nossa geração, Yehuda Ashlag, o "Baal Hasulam", legou-nos um novo método de estudo para esta geração, adequado para qualquer um que deseje estudar. Uma pessoa encontra seu caminho em direção à Kabbalah quando, não satisfeito com as retribuições materiais, volta-se para o estudo em procura de respostas, esclarecimentos e novas oportunidades. Já não encontra neste mundo soluções às questões significativas a respeito de sua existência. Em geral, a expectativa de encontrar respostas nem sequer é conhecida; simplesmente lhe interessa, considera necessário. A pessoa pergunta a si mesma: Quem sou? Por que nasci? De onde venho? Para onde vou? Por que existo no mundo? Já estive aqui? Voltarei a aparecer? Por que há tanto sofrimento no mundo? Pode-se evitá-lo de alguma maneira? Como posso conseguir prazer, perfeição e paz mental? A pessoa sente vagamente que só fora do âmbito deste mundo encontrará as respostas. Só conhecendo e percebendo os mundos superiores se pode responder estas perguntas, e a única forma de fazê-lo é

através da Kabbalah. Mediante sua sabedoria, o homem ingressa nos mundos superiores com todos os seus sentidos. Estes mundos contêm as razões de sua existência aqui. Toma o controle de sua vida, atingindo deste modo seu objetivo: tranquilidade, prazer e perfeição, estando ainda nesta terra. Na "Introdução ao estudo das Dez Sefirot" está escrito: "Se puséssemos nossos corações em responder tão só uma célebre pergunta, estou seguro de que todas as dúvidas e questões desapareceriam de nosso horizonte. E esta pequena pergunta é: "Para que servem nossas vidas?" Qualquer um que se aproxime para estudar Kabbalah movido por esta questão, é bem-vindo como aprendiz. Quem sinta esta aflição e se pergunte constantemente: "Para que servem nossas vidas?", conseguirá um estudo sério. Tal é o impulso que o impele a procurar respostas. Infelizmente, hoje não existe desejo suficiente para estudar Kabbalah. As pessoas procuram curas rápidas. Querem saber de magia, de meditação e de curas Kabbalísticas. Não lhes interessa realmente a revelação dos mundos superiores ou como atingir os domínios espirituais. Isto não constitui um desejo genuíno de estudar Kabbalah. Se, chegou seu tempo e a necessidade está presente, a pessoa procurará uma referência para estudos, e não ficará satisfeita até que a encontre. Tudo depende da raiz da alma e daquele ponto do coração. Um desejo autêntico de descobrir e perceber em si os mundos superiores conduzirá a pessoa ao caminho da Kabbalah.

## Como estudar Kabbalah?

O objetivo básico da Kabbalah é alcançar a espiritualidade. Para isso só se precisa da instrução correta. Quem estudar Kabbalah corretamente progredirá sem ser forçado, pois não se pode ser coagido na espiritualidade. Não devemos esquecer que a meta do estudo é descobrir a conexão entre si mesmo e o que está escrito. É para isso que os Kabbalistas registraram em seus textos suas conquistas e experiências. Não para adquirir conhecimento a respeito de como está construída e como funciona a realidade, como na ciência. A intenção dos textos Kabbalísticos é permitir o entendimento e a assimilação da verdade espiritual. Se alguém se aproxima dos textos para obter espiritualidade, estes se converterão numa fonte de luz e o corrigirão. Se, se aproxima deles para obter sabedoria, serão para ele apenas sabedoria. A força que obterá e o ritmo de sua correção serão proporcionais a sua necessidade interna. Isto significa que, se a pessoa estuda corretamente, cruzará a barreira entre este mundo e o mundo espiritual. Ingressará em um âmbito de revelação interior, atingindo a luz. Isto se conhece como o "belo sinal". Se não o consegue, significa que foi negligente na qualidade ou na quantidade de seus esforços; não se esforçou o suficiente. Não se trata de quanto estudou, senão do

quanto estava ocupado em seus estudos, ou se lhe faltou algo. Se, possui este desejo, poderá alcançar a espiritualidade. Só então lhe serão abertas as portas do céu para penetrar em outra realidade ou dimensão. Um estudo correto da Kabbalah lhe permitirá subir a este nível. Abraçar a Kabbalah não implica simplesmente evitar as coisas lindas para não excitar os próprios desejos.

A correção não provém do autocastigo, mas resulta da realização espiritual. Quando alguém alcança a espiritualidade, aparece a luz e o corrige. Esta é a única mudança real. Todas as demais são hipócritas. A pessoa se engana se acredita que adotando um aspecto agradável irá alcançar a espiritualidade. Não sobrevirá a correção interior, pois só a luz pode corrigir. O propósito do estudo é convidar a luz corretora. Portanto, a pessoa deve trabalhar sobre si mesma só para isso. A presença de qualquer pressão ou qualquer tipo de regras ou regulamentos obrigatórios, revela a mão do homem e não dos mundos superiores. Além disto, a harmonia interna e a tranquilidade não são pré-requisitos para se alcançar a espiritualidade; aparecerão como resultado da correção. Mas não devemos crer que isso ocorrerá sem esforço de nossa parte. O caminho da Kabbalah rejeita absolutamente qualquer forma de coerção. Leva a pessoa a preferir a espiritualidade ao invés do materialismo. Depois a pessoa refina seu desejo por espiritualidade, apartando-se das coisas materiais à medida que desaparece sua atração ou necessidade. Estudar incorretamente a Kabbalah, ainda que com as melhores intenções, pode afastar-nos da espiritualidade. Este tipo de estudante fracassará inevitavelmente. É por isso que os Kabbalistas proibiram o estudo da Kabbalah a quem não estivesse preparado para isso, a não ser que seja sob circunstâncias especiais. Tomavam todas as precauções necessárias para assegurar que seus alunos estudassem corretamente. Aplicavam certas restrições para com os estudantes. Baal Hasulam descreve estas razões no começo de sua “Introdução ao Estudo das Dez Sefirot”. No entanto, se compreendermos estas limitações como condições para o entendimento correto da Kabbalah, veremos que se propõe evitar que os estudantes tomem um caminho equivocado. A novidade é que agora contamos com mais de uma linguagem, melhores condições e uma determinação mais forte para o estudo da Kabbalah. Dado que as almas sentem a necessidade de estudar Kabbalah, Kabbalistas como Baal Hasulam escreveram comentários que nos permitem estudar sem erros. Agora, qualquer um pode estudar Kabbalah mediante seus livros. Para estudar adequadamente a Kabbalah, recomendamos aos estudantes concentrarem-se unicamente nos escritos do Ari e Ashlag (Baal Hasulam e Rabash) em suas versões originais. Dentre as linguagens que estudam os mundos espirituais, entre a Bíblia (que inclui os cinco livros de Moisés, os Escritos e os Profetas) e a Kabbalah, esta última é a mais útil e direta. Aqueles que a estudam não podem errar em seu entendimento. Não usa os termos deste mundo, mas possui um dicionário especial que indica diretamente as ferramentas

espirituais para os objetos e forças espirituais e sua correlação. Constitui portanto o idioma mais útil para que o estudante progrida interiormente e se auto-corrija. Não corremos o risco de confundir-nos se estudamos os escritos do Baal Hasulam.

A cerca de cem anos atrás, era impossível encontrar livros de ou sobre Kabbalah. Esta se transmitia exclusivamente de um Kabbalista a outro, sem chegar nunca ao homem comum. Hoje temos a situação inversa. Deseja-se que o material circule entre todos, convocando a todos a participar deste estudo. Ao estudar estes livros, cresce o desejo por espiritualidade, através do qual a luz circundante, o mundo real oculto para nós, começa a se refletir sobre aqueles que desejam aproximar-se da espiritualidade, que os faz ansiar por isto mais e mais. A espiritualidade é alcançada estudando-se os livros corretos, isto é, livros escritos por um autêntico Kabbalista. Os textos da Bíblia são textos de Kabbalah. São livros que os Kabbalistas escreveram uns aos outros para trocar ideias e ajudarem-se mutuamente no estudo. Quem possui sentimentos espirituais poderá comprovar que estas obras o ajudam a continuar seu crescimento e desenvolvimento. É como realizar uma visita guiada a um país estrangeiro. Com a ajuda do guia, o viajante pode orientar-se e encontrar mais facilmente o seu paradeiro. Precisamos de textos adequados a nossas almas, escritos por Kabbalistas de nossa geração ou da anterior, pois em cada geração descem diferentes tipos de almas que requerem diferentes métodos de ensino. O estudante deve ter cuidado ao escolher seu professor de Kabbalah. Certos autodenominados "kabbalistas" ensinam incorretamente, por exemplo, que a palavra "corpo" se refere a nosso corpo físico, ou que a mão direita simboliza a caridade e a esquerda a valentia. Isto é exatamente o que a Bíblia e os Kabbalistas tinham em mente quando proibiram estritamente.

## Ciência e Kabbalah

Tudo o que sabemos a respeito do nosso mundo está baseado em estudos humanos. Cada geração estuda nosso mundo e transmite seu conhecimento à seguinte. Desta forma, cada geração compreende as referências nas quais tem de mover-se e sua posição relativa com respeito às demais gerações. Em cada era, a humanidade utiliza o mundo circundante; o mesmo ocorre no plano espiritual. Cada geração de Kabbalistas, desde Abraham em diante, estuda e descobre os mundos espirituais. Da mesma forma que na investigação científica, transmitem o conhecimento adquirido às gerações seguintes. Neste mundo possuímos um

sentido geral, chamado "desejo de receber", com cinco receptores (os cinco sentidos). Quando alguém sofre uma correção, obtém o sexto sentido, conhecido como "o sendo espiritual", e funciona da mesma forma que estes cinco sentidos. Os cientistas também utilizam só seus cinco sentidos. Costumamos considerar "objetivo" qualquer instrumento, de precisão, técnico, mecânico ou outro. No entanto, em última instância, o que há é um ser humano examinando, medindo e avaliando os resultados da investigação, com seus cinco sentidos. Obviamente, não se pode fornecer uma resposta exata e objetiva utilizando os sentidos. A Kabbalah, fonte de toda sabedoria, sim pode fazê-lo. Ao começar a estudar a realidade, descobrimos que não podemos estudar nem compreender o que está além: isso permanece desconhecido e não revelado para nós. Ao não poder vê-la ou tocá-la ou saboreá-la, perguntamo-nos se realmente existe. Só os Kabbalistas que atingem a luz abstrata superior além de nossos sentidos, podem compreender verdadeiramente nossa autêntica realidade. Os Kabbalistas nos informam que além de nossos sentidos só existe a luz abstrata superior, sem forma, chamada "criação". Imaginem que nos encontramos em meio de um oceano, num mar de luz. Percebemos diferentes sensações aparentemente incorporadas ali, na medida em que nossa capacidade de entendimento permite. Não ouvimos o que acontece fora dali.

O que chamamos "escutar" é na realidade a resposta de nossos tímpanos aos estímulos externos. Simplesmente sabemos que nosso tímpano reage dentro de nós. Avaliamos isto internamente e aceitamos como um acontecimento externo. Não sabemos o que está realmente sucedendo fora de nós; só percebemos a reação de nossos sentidos ante isso. O mesmo acontece com os demais sentidos: visão, paladar, tato e olfato. Nunca podemos sair de nossa "caixa". O que quer que seja que afirmemos a respeito de acontecimentos externos é na realidade a imagem que pintamos em nosso interior. Esta restrição é impossível de superar. O estudo da Kabbalah pode ajudar-nos a ampliar os limites de nossos sentidos naturais para conseguir o sexto sentido, com o qual conheceremos a autêntica realidade fora e dentro de nós. Esta é a verdadeira realidade. Mediante ela, poderemos experimentar a reação externa de nossos sentidos. Se dirigirmos corretamente nossos cinco sentidos, poderemos ver a verdadeira imagem da realidade. Só precisamos interiorizar as características do mundo espiritual. É como um rádio que sintoniza uma determinada frequência. A frequência existe fora do rádio, que a recebe e reage. O exemplo se aplica a nós também. Se, temos ainda que uma pequena centelha do mundo espiritual, começaremos a senti-la em nosso interior.

Ao longo de sua evolução, o Kabbalista adquire mais e mais características espirituais, conectando-se assim com todos os níveis do mundo espiritual, todos construídos segundo o mesmo princípio. O estudante de Kabbalah compreende,

percebe, avalia e trabalha com todas as realidades, tanto materiais como espirituais, sem diferenciá-las. Alcança o mundo espiritual enquanto se encontra dentro deste mundo. Percebe ambos os mundos sem fronteiras ou divisórias entre eles. Só quem experimenta esta verdadeira realidade pode ver as razões do que lhe acontece aqui. Entende as consequências de seus atos. Pela primeira vez se torna verdadeiramente prático, vivendo e percebendo tudo e sabendo o que fazer consigo mesmo e com a sua vida. Antes não podia saber para que nasceu, quem é e quais são as consequências de seus atos. Tudo se inseria nos limites do mundo material, e o abandona no mesmo estado em que ingressou. Entretanto, nos encontramos todos no nível chamado "este mundo". Nossos sentidos estão igualmente limitados; por isso vemos todos a mesma imagem. Baal Hasulam escreve: "Todos os mundos superiores e inferiores estão incluídos no homem." Esta frase é a chave para quem se interessa pela sabedoria da Kabbalah e em viver a realidade circundante. Esta realidade inclui os mundos superiores e este mundo; juntos, fazem parte do ser humano. Agora compreendemos o mundo mediante elementos materiais ou físicos. Ao estudar, agregaremos elementos adicionais, que nos permitirão descobrir coisas que hoje não podemos ver. Nosso nível é muito baixo, pois estamos localizados na diagonal oposta ao nível do Criador. Começamos a elevar-nos a partir deste nível ao corrigir o desejo. Então descobrimos outra realidade circundante, ainda que na realidade não mudou nada. Mudamos nós em nosso interior e em consequência nos tornamos conscientes dos outros elementos que nos rodeiam. Mais tarde, estes elementos desaparecem e percebemos que tudo se deve exclusivamente ao Criador, ao Todo-Poderoso.

Os elementos que começamos a descobrir gradualmente se denominam "mundos". Não devemos imaginar a realidade espiritual, mas percebê-la. Imaginá-la nos afasta de seu alcance. Os Kabbalistas alcançam os mundos superiores através de seus sentidos, assim como nós alcançamos o mundo material. Os mundos se interpõem entre nós e o Criador, ocultando-o de nós. Como diz Baal Hasulam, é como se filtrassem a luz. Vemos a realidade circundante distorcida. De fato, podemos dizer que não há nada entre nós e o Criador. Estas interferências, os mundos entre nós, ocultam-no de nós. São máscaras colocadas sobre nossos sentidos. Não O vemos em sua verdadeira forma; vemos só elementos fraturados. Em hebraico, a origem do termo "olam" (mundo) é "alama" (ocultar). Parte da luz se transmite, parte se oculta. Quanto mais elevado é o mundo, menos oculta. Os habitantes deste mundo pintam diversas imagens da realidade. A lógica diz que a realidade deve ser uniforme para todos. No entanto, um escuta uma coisa, outro outra; este vê uma coisa, aquele outra. Baal Hasulam ilustra isto mediante o exemplo da eletricidade: em nossos lares há tomadas que contêm energia abstrata que esfria, esquenta e cria vázio ou pressão segundo a especificação do aparelho que se conecta nela. Mas a energia não tem forma própria: é abstrata. O aparelho

revela o potencial da eletricidade. Podemos dizer o mesmo da luz superior, o Criador sem forma. **Cada um percebe o Criador segundo seu nível de correção.** Ao iniciar seu estudo, é possível que alguém perceba só sua própria realidade e nenhuma força superior. Gradualmente irá descobrindo, mediante o uso de seus sentidos, a verdadeira realidade expandida. Ao avançar, se corrigir todos seus sentidos segundo a luz circundante, não terá nenhuma separação entre ele e a luz, entre o homem e o Criador, como se não tivesse nenhuma diferença entre suas características. Consegue-se então a santidade, o nível mais elevado de espiritualidade. Como poderá um iniciante dominar esta ciência se nem sequer pode compreender a seu professor? A resposta é muito simples. Isso só é possível elevando-nos espiritualmente acima deste mundo. Para isso devemos libertar-nos de todo rastro de egoísmo material e considerar a obtenção dos valores espirituais como nosso único objetivo. Anseio e paixão só pelo espiritual em nosso mundo - esta é a chave para o mundo superior.

## “Ramos”: O idioma dos kabbalistas

Quando pensamos ou sentimos algo e desejamos transmitir isto para outra pessoa, para que também o sinta, utilizamos palavras. Existe um consenso geral a respeito do uso das palavras e seus significados; se, qualificamos algo como "doce", a outra pessoa imagina imediatamente o mesmo sabor. Mas quanto o seu conceito de doce se aproxima do nosso? Como poderíamos comunicar melhor nossas percepções mantendo o uso de palavras? As percepções dos Kabbalistas superam nosso nível. Não obstante, eles desejam transmitir-nos sua admiração por coisas que não têm significado para nós. Para isso, utilizam instrumentos tomados de nosso mundo: com frequência palavras, às vezes notas e ocasionalmente outros meios. Os Kabbalistas escrevem a respeito de suas experiências e percepções nos mundos superiores, a respeito das forças superiores e do que descobrem ali. Escrevem para outros Kabbalistas, pois a interação de seus estudos é muito essencial e frutífera. Depois seus escritos chegam àqueles que ainda não sentiram a espiritualidade, aqueles para quem ela ainda se acha oculta. Como no mundo espiritual não existem palavras que possam descrever suas percepções espirituais, os Kabbalistas as denominam "ramos", uma palavra tomada de nosso mundo. Desta forma a linguagem dos livros de Kabbalah é conhecida como "linguagem dos ramos". Esta linguagem toma emprestado termos de nosso mundo para identificar percepções espirituais. Como cada coisa do mundo espiritual tem seu equivalente no mundo físico, cada raiz do mundo espiritual tem o nome de seu ramo. E como não se pode descrever com precisão nossas percepções, nem medi-

las ou compará-las, utilizamos todo tipo de termos auxiliares. Rabí Yehuda Ashlag escreveu em seu "Estudo das Dez Sefirot" (Parte um: "Olhando para dentro") : "(...) os Kabbalistas utilizam uma linguagem especial que pode ser designada 'linguagem dos ramos'. Nada ocorre neste mundo que não afunde suas raízes no mundo espiritual. Tudo neste mundo se origina no mundo espiritual e depois desce. Desta forma, os Kabbalistas encontraram uma linguagem já pronta com a qual puderam transmitir facilmente suas experiências oralmente uns a outros ou por escrito para as gerações futuras. Tomaram os nomes dos ramos do mundo material: cada nome é auto-explicativo, indicando sua raiz de origem no sistema do mundo superior." Para cada força e ação deste mundo existe uma força e ação no mundo espiritual, que é a sua raiz. Cada força espiritual se correlaciona com uma só força, seu ramo no mundo material. A respeito desta correlação direta está escrito: "Não há nada que cresça em baixo que não tenha um anjo em cima instando-o a crescer." Ou seja, não há nada em nosso mundo que não tenha sua força correspondente no mundo espiritual. A causa desta correlação direta, e porque a espiritualidade não contém palavras — só sensações e forças — , os Kabbalistas utilizam os nomes dos ramos deste mundo para referir-se às correspondentes raízes espirituais. Segue dizendo o Baal Hasulam: "Com estas explicações, vocês compreenderão aquilo que às vezes aparece nos livros de Kabbalah como uma terminologia estranha para o espírito humano, em particular nos textos básicos, como o Zohar ou os livros do Ari. Surge a pergunta: 'Por que os Kabbalistas utilizaram uma terminologia tão vulgar para expressar idéias tão elevadas?' A explicação é que nenhum idioma nem língua do mundo poderia razoavelmente ser utilizado, exceto a especial linguagem dos ramos, baseado nas raízes superiores correspondentes. ... Se às vezes se utilizam expressões estranhas, é porque não resta outra alternativa; não devemos surpreender-nos. O bom não pode substituir o mau, e vice-versa. Devemos sempre transmitir exatamente o ramo ou incidente que designe a sua raiz superior como o dite a ocasião, elaborando-o até encontrar a definição exata."

O mundo espiritual é abstrato: ali as forças e as sensações funcionam sem a roupagem de "animal", "mineral", "vegetal" ou "falante". O estudante repete uma e outra vez as idéias principais da sabedoria Kabbalística: "lugar", "tempo", "movimento", "carência", "corpo", "partes do corpo" ou "órgãos", "corresponder", "beijar", "abraçar", até perceber em seu interior a sensação correta para cada idéia. Para terminar: devemos observar que alguns assim chamados "instrutores de kabbalah" transmitem a seus estudantes interpretações equivocadas. O erro surge do fato de que os Kabbalistas escreveram seus livros utilizando a linguagem dos ramos, usando termos de nosso mundo para expressar idéias espirituais. Quem não compreende o uso correto da linguagem cai no erro. Ensinam que existe uma conexão entre o corpo e o vaso espiritual, como se o vaso espiritual estivesse

incluído no corpo, considerando-o parte do órgão espiritual, de maneira que por meio de uma ação física se pudesse realizar algo espiritual. Os ramos fazem parte integrante da Kabbalah, e sem seu uso, a pessoa não estará estudando Kabbalah.

## Kabbalah (tradição)

*A Qabalah - Tradição Oral, Misticismo Hebraico, Interpretação da Torah e os Livros dos Profetas. A palavra Qabalah quer dizer tradição, assim como Caibalion. O Caibalion é um livro que supostamente foi escrito por adeptos e que ele contem as regras para se conhecer o universo e esse nome Caibalion seja um derivado da palavra Qabalah. Qabalah também quer dizer aquilo que foi recebido e é transmitido que na verdade corresponde a palavra tradição que antigamente queria designar a LEI (Torah) que foi implantada por Moisés. Qabalah- Tradição ou aquilo que é recebido. Antigamente – A Lei de Moisés (mosaica)*

*As Duas Escolas : A Qabalah possui duas escolas principais:*

*Primeiro, a escola judaica; Segundo a escola Hermética.*

A principal diferença entre as duas é que a escola judaica impede que se faça qualquer representação, para impedir a formação de idolatria, e os judeus reconhecem apenas 05 cabalistas. Para eles a Qabalah é uma ferramenta de conhecimento intelectual, que os ajuda e decifrar a Torah escrita / Torah shebichtáv e a Torah oral/Torah shebealpê, é a qabalah quem dá a Torah uma forma una e indivisível. Da mesma forma que o Alcorão, que para cada linha existem 14 traduções possíveis, e no hebraico encontramos onze variantes. Quando pensamos em um livro do tamanho do Pentateuco fica muito difícil, tornando-se quase impossível a sua tradução ou interpretação em sua totalidade. E a escola hermética difere principalmente e justamente na liberdade ao utilizar-se ferramentas gráficas, como a Árvore das Vidas.

Existindo ainda diferenças sutis entre ambas, que poderão ser vistas futuramente por cada indivíduo, ao longo de seu estudo.

## **Círculo Inicial de Hermes Origem Histórica**

Merkabah (carruagem) Como todas as “ciências e escolas esotéricas”, a Qabalah tem uma origem tradicional e uma origem histórica, e necessariamente a origem tradicional não coincide com a histórica, segundo a origem tradicional, a Qabalah foi ensinada pelos anjos a Adão para que Adão, através do estudo e da utilização cabalística pudesse retornar ao paraíso. Adão passou a Abraão, Abraão levou estes ensinamentos até o Egito eles absorveram parcialmente a Qabalah. Mais tarde Moisés aprendeu esse conhecimento e aprimorou esse conhecimento no deserto, durante os quarenta anos que por lá perambulou. Essa é a origem tradicional, também se dizendo que ele foi ajudado por anjos no deserto, existindo todo um folclore sobre isto. Merkabah - É a carruagem que transportou o trono de Deus ou o Trono do Mundo . A origem histórica da Qabalah vem da criação do que se chama de Merkabah (carruagem), Merkabah é a descrição de Ezequiel em relação ao carro de Deus. É a carruagem que carregava o trono de Deus da esfera celeste. A crença comum é que este carro ia e vinha entre o céu e a terra e tinha um determinado conhecimento místico potencial para explicar o Merkabah. A partir deste momento é que se foram se desenvolvendo outras estruturas como a Árvore das Vidas. A Qabalah não é somente um conjunto de coisas absurdas. Devemos que vê-la como uma chave capaz de elucidar o que nós não podemos responder sozinhos.

A Qabalah é chave que abre todas as portas, mas não adianta você Ter esta chave sem conhecimento para usá-la. Ela também não é somente o conjunto de ciências hebraicas , e herméticas. Hoje ela está presente em tudo ao nosso redor, e ela pode nos auxiliar de várias formas. Num experimento de química os cálculos usados são semelhantes aos da Qabalah. Você pode chegar ao resultado de uma experiência ou próximo a ele. Por exemplo: quando você tem um experimento de resultados imprevisíveis com materiais nunca antes usados, você pode ter uma prévia do resultado antes de fazer a experiência. “A Qabalah, do ponto de vista histórico, pode ser definida como um produto da interpenetração entre o gnosticismo judaico e o neoplatonismo” Gershon Scholen, Kabalah.

### **As quatro Categorias da Qabalah:**

1. A Qabalah Prática, que trata da Magia Talismânica, Cerimonial e do Tarot;
2. A Qabalah Dogmática, que consiste na literatura Qabalística;

3. A Qabalah Literal, que trata do uso das letras e dos números;

A Qabalah Literal divide-se em três partes:

\* Gematria, que baseia-se nos valores das palavras;

\* Notariqon, que baseia-se nas letras de uma palavra que formam as iniciais de outras palavras, formando uma sentença;

\* Temura, ou permutação, sendo esta a substituição de uma letra por outra que a precede no alfabeto.

4. A Qabalah Não-Escrita, que consiste no conhecimento correto da maneira pela qual os sistemas simbólicos estão dispostos na Árvore das Vidas.

Todos os grandes reformadores religiosos, sejam eles Moisés, Buda, Cristo, Maomé, Zoroastro ou outros, todos os criadores de grande espiritualidade dividiram sua doutrina em duas partes:

- a primeira, ou exoterismo, sendo a parte obscura destinada ao uso da maioria;
- a segunda, ou esoterismo, sendo a parte onde o segredo revelado era endereçado apenas aos iniciados capazes de compreendê-lo.

Durante o aprendizado da cabala é comum você encontrar obras nos quais não está familiarizado (a) ou talvez tenha ouvido falar, é o caso do Zohar (já supracitado), Torá, Talmud, Bahir e Sefer Yetzirah. A seguir será explicado o que é cada um.



## O que é Zohar?

O Sefer ha-Zohar , “O livro do Resplendor”, atualmente muito em voga, e que se converteu na obra clássica do misticismo, foi denominado pelos diferentes cabalistas com diversos nomes, a saber: Midrásh Yehí Ôr (“Comentário do 'Haja Luz'”), Midrásh ha-Zôhar (“Comentário do Resplendor”), Ha-Zôhar ha-Gadôl (“O Grande Resplendor”), e se difundiu com o título de Ha-Zôhar ha-Qadôsh (“O Santo Resplendor”) ou simplesmente rhOaz (Zôhar, “resplendor”). Inspira-se o título no



versículo de Daniel 12.3, que diz: “Os que são esclarecidos resplandecerão, como o resplendor [zôhar] do firmamento.” As primeiras impressões da obra foram feitas em Mântua e Cremona, no ano de 1558, e logo em Amsterdã em 1642, seguidas de inúmeras edições. O conceito fundamental do Zohar é que toda a Torah, seus mandamentos, ordenanças e relatos têm propósitos superiores e misteriosos que constituem sua própria alma, e o estudo e a leitura do Zohar, por si só, permite elevar-se em santidade.

O Zohar se compõe de cinco partes. As três primeiras correspondem a comentários ao Pentateuco; a quarta, é de complementos que se conhecem como Tikunê Zôhar e traz considerações acerca do vocábulo, “no princípio”, que inicia a Bíblia; a quinta e última parte é o Zôhar Hádash, que é uma coleção de complementos e estudos dos cinco: Cântico dos Cânticos, Ruth, Lamentações, Eclesiastes e Esther.

Os místicos crêem firmemente que o espírito do Zohar reconhece a mesma origem que a Bíblia e o Talmud. O Sinai seria o ponto comum de partida para os três: a Bíblia, o Talmud e o Zohar. Atualmente o “culto” ao Zohar está retornando com força através de grupos de cabalistas judaicos sediados especialmente nos EUA. Para estes grupos, o simples ato de passar os olhos sobre uma página do Zohar em hebraico, mesmo sem entender uma palavra, já produz resultados redentores (?). Esta crença é muito controversa! Na realidade, muitos dos ditos do Zohar são repetições de coisas que se encontram no Talmud e nas Homilias; só que aqui recebem uma nova luz. Com suas raízes antigas e profundas, tem ramos novos e numerosos em sua copa. Ao longo do tempo sofreu agregados que se incorporaram a sua primitiva redação, chegando a fundir-se e integrar-se numa só obra. O Zohar menciona vários livros e em seu contexto traz citações dos mesmos; alguns destes livros são conhecidos, ou não, como, por exemplo, o “Sifrá Ditsiníuta” (cuja autoria se atribui a Jacó). O Zohar se refere também a personalidades que em sua maioria são os mesmos protagonistas da Bíblia e do Talmud, só que aqui adquirem dimensões misteriosas e são tratados com uma insólita dispensa dos fatores de lugar e tempo. É que no Zohar estes dados são considerados de um modo muito relativo, e é muito elástico na colocação dos fatos. O importante é o espírito que injeta nas letras, o vigor que insufla nas palavras e a alma que inflama na Torah. O Zohar agrega santidade ao santo e sumo espírito ao espiritual. Ademais, sustenta e incentiva o homem para convertê-lo em um participante ativo no processo universal, ensinando que cada boa ação inclina a vontade divina em direção a emanações benéficas.

## O que é Torá?

Texto sagrado do judaísmo, a Torá é composta pelos primeiros cinco livros da Bíblia hebraica (chamada pelos cristãos de Antigo Testamento). Esses livros se chamam: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. A Torá começa com a história da criação do mundo. Em seguida, explica e interpreta as leis de Deus, incluindo os Dez Mandamentos.

Os judeus acreditam que Deus entregou as leis contidas nos cinco livros ao profeta Moisés, no monte Sinai.

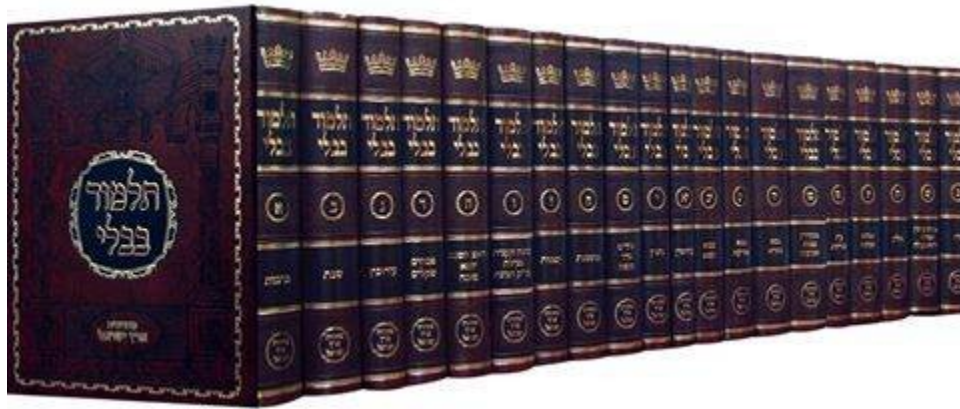
Todas as sinagogas (os locais de culto do judaísmo) guardam uma cópia da Torá. A cópia é escrita à mão sobre rolos de pergaminho (folhas feitas de pele animal).

Durante a maioria dos cultos nas sinagogas, um membro da congregação lê trechos da Torá. A maioria das sinagogas faz a leitura da Torá inteira ao longo de um ano.

O termo Torá, em hebraico, significa “ensinar” ou “indicar o caminho”. Nesse sentido mais amplo, todos os ensinamentos judaicos — incluindo a Bíblia hebraica, o Talmude e as tradições orais — podem ser considerados parte da Torá.

## O que é Talmud (Talmude)?





O Talmude é uma coletânea de ensinamentos judaicos antigos. As leis escritas do judaísmo são encontradas na Torá, que é composta pelos cinco primeiros livros da Bíblia. Os antigos judeus também seguiam muitos ensinamentos orais, ou seja, não escritos, e acrescentavam a eles seus próprios comentários. Estes incluíam interpretações das leis e histórias que ajudavam a explicar as lições morais. Juntas, essas coletâneas de leis, interpretações e histórias são conhecidas como Talmude.

Foi escrito por muitos rabinos (líderes religiosos judeus) ao longo de séculos. A primeira parte é a Mishná, que apresenta as leis orais. Estudiosos acreditam que um rabino da Palestina (uma região do Oriente Médio) tenha concluído a Mishná no início do século III. Ela tem seis seções, abrangendo regras sobre as orações diárias e a agricultura; rituais especiais; casamento; direito criminal e civil; normas do templo; e higiene.

A segunda parte do Talmude é a Guemará, que contém comentários sobre as ideias tratadas na Mishná. A Guemará foi escrita por rabinos entre os séculos III e VI. Existem duas versões: uma escrita na Palestina e outra na Babilônia (uma região que fazia parte da Mesopotâmia, no sudoeste da Ásia). Os estudiosos modernos consideram a versão babilônica mais completa.

## O que é Bahir?



O Sêfer ha-Bahir (O Livro da Iluminação) é um dos mais antigos e importantes textos clássicos da Cabala, a tradição mística do judaísmo. Alguns estudiosos chegam a considerá-lo como o mais antigo texto cabalístico escrito. Até a publicação do Sêfer ha-Zohar (O Livro do Esplendor), o Bahir era a principal fonte de informação sobre os ensinamentos cabalísticos, sendo a obra mais influente e largamente citada. De fato, um estudo cuidadoso revela uma considerável semelhança entre as duas obras, o que pode ser explicado pelo fato de que o Rabino Shimon bar Yochai, autor do O Zohar, conhecia os ensinamentos de Rabi Nehunia ben Hakana (o presumido autor do Bahir) mesmo antes da revelação mística especial que Rabi Shimon teve durante os 12 anos em que ficou escondido numa caverna. Ao que tudo indica, o Rabi Shimon bar Yochai já devia ter sido iniciado na Tradição dos Mistérios da Carruagem; como o Bahir chama a dimensão mais profunda da Cabala.

Ambas as obras se complementam e formam um duplo pilar luminoso: o Bahir relacionado a Luz e, o Zohar, ao Esplendor. Essa obra é mencionada em quase todos os trabalhos relevantes que tratam da Cabala, o mais antigo deles sendo o comentário do Rabi Abraham ben Davi (1125-1198) a respeito do Sêfer Ietsirá; o Rabino Moisés ben Nachman ou Nachmanides (1194-1270) – mais conhecido pelo seu acrônimo Ramban –, em seu comentário sobre a Torá, a ele se

refere várias vezes. É, além disso, com frequência parafraseado e transcrito no O Zohar.

Seu nome, Bahir, deriva do primeiro versículo citado no texto de Jó (37:21): “E já não se pode olhar para a luz resplandecente (Bahir) dos céus”. É também chamado de “Midrash do Rabino Nehuniá ben HaKana (sábio talmúdico do Século I)”, talvez porque o seu nome aparece no início no livro, mas, realmente, a maioria dos cabalistas atribui o Bahir a ele e à sua escola. Embora o Bahir seja um livro pequeno, comparado ao Zohar, contendo ao todo cerca de 12.000 palavras, era altamente conceituado entre aqueles que indagavam seus mistérios. Escreve o Rabino Judá Chayit, emérito cabalista do século XV: “Torna este livro uma coroa para a tua cabeça”. Grande parte do texto é de difícil compreensão, e disse o grande Rabino Moisés Cordovero (1522-1570), diretor de uma importante escola de Cabala na cidade de Safed, no norte de Israel: “As palavras desse texto são luminosas (Bahir) e cintilantes, mas o seu brilho pode cegar”. Diz a tradição que o Bahir foi preservado por uma pequena escola de cabalistas na Terra Santa, mas a sua primeira publicação deu-se por volta de 1176, por iniciativa da escola cabalística da Provença (França), e circulou sob a forma de manuscrito entre um número limitado de leitores.

## O que é Sefer Yetzirah?



(Sefer ha-yetsirah, “O Livro da Criação” ou, mais corretamente, “O Livro da Formação”) é a obra mais antiga de ordem puramente mística. Também conhecido apenas como Sefer Yetsirah, sua autoria chegou a atribuir-se ao próprio patriarca Abraão, mas seguramente não é posterior à Mishnah do Talmud.

Seu texto original, confuso e cheio de erratas, é de uma sintaxe difícil e emaranhada. Se compõe de três temas, a saber: 1o – A influência dos feitos de Deus; 2o – O homem (microcosmos) e sua relação com o macrocosmos; 3o – A combinação de letras. As Dez Sefiroth ou Numerações junto com as 22 letras hebraicas são as Trinta e Duas Vias ou Caminhos da Sabedoria, que convergem ou se unem em sua fonte comum, em ('Elohíym, “Deus”). Os números e as letras, segundo este livro, não são apenas símbolos, mas as formas de todo o Existir e as bases do Universo. Os 10 números primordiais, similares aos 10 dedos, onde 5 estão frente a 5, referem-se aos 10 atributos infinitos e que correspondem a Deus, amo único. O conjunto fundamental das 22 letras se compõe de: - 3 principais (א ב ג - ד ה ו), que refletem os elementos: terra (e ar, juntos), água e fogo; - 7 de pronúncia dupla, uma débil e a outra forte, que representam os antônimos: vida e morte, paz e desgraça, sabedoria e necessidade, riqueza e pobreza, cultivo e desterro, graça e repulsão, poder e servitude; - 12 letras simples, que representam os 12 signos do Zodíaco. A numeração imagina também a representação dos

pontos cardeais, dos órgãos humanos e suas atividades psicossensoriais, dentro de sua simbólica.

O livro trata sobre a origem do universo (macrocosmo) e da humanidade (microcosmo), o arranjo alfabético e numeral apresentado no tratado é uma característica de linguagem de autores semíticos.

Terminamos a primeira parte dos estudos sobre a cabala. Aqui você aprendeu a história da cabalá e Zohar, aprendeu também o que é a cabala, quem são os cabalistas, o que são os ramos, o método de estudos, assim como a motivação de estudar a cabalá... Logo depois tivemos a descrição dos livros basilares da cabalá e do judaísmo, que são: o Talmud, o Bahir, a Zohar, a Torá e a Sefer Yetzirah. Essa parte decidimos não nos aprofundarmos, pois não era esse o objetivo; portanto, serve apenas para ter noção dessas obras.

Ao final dessa parte teremos alguns vídeos complementares para auxiliar o seu aprendizado.

Até a próxima!



Vídeos complementares:

[O que é cabala? | Entrevistas NAMU](#)

## Kabbalah Judaica – Introdução

### O que você precisa saber sobre Cabala | Aula Introdutória

#### O que é o Zohar? | Conheça o Poder da Cabalá

#### O que é o Talmud?

##### DO PREFÁCIO AO ZOHAR

O Livro do Zohar foi escondido dos não iniciados desde os dias de sua criação. Agora, as condições tornaram-se propícias para sua abertura ao público. Para fazer o Zohar acessível a todo leitor, precisamos introduzi-lo com algumas explicações. Primeiramente, deve ser notado que tudo que é descrito no Zohar é uma disposição das dez Sefirot: Keter, Chochmah, Binah, Chessed, Gvurah, Tifferet, Netzach, Hod, Yessod, Malchut, e suas combinações. Da mesma maneira que qualquer pensamento é expresso com um número limitado de letras do alfabeto, assim, são as combinações das dez Sefirot suficientes para descrever cada objeto ou ação espiritual. No entanto, existem três limites bem definidos que uma pessoa deve manter em mente referentes aos quatro níveis de percepção (ou de conhecimento) em nosso mundo: Matéria, Forma na Matéria, Forma Abstrata, e Essência. Estes quatro níveis de alcance também existem nas dez Sefirot. O primeiro limite: O Zohar pesquisa apenas a Matéria e a Forma na Matéria, mas de forma alguma se ocupa com a Forma Abstrata e a Essência. O segundo limite: Tudo o que foi criado consiste de três níveis:

1. O mundo de Ein Sof (o Infinito);
2. O mundo de Atzilut;
3. Os mundos de Beriah, Yetzirah, e Assiyah (BYA).

O Zohar estuda apenas os três últimos mundos de BYA. Ele não estuda os mundos de Ein Sof e Atzilut por si próprios, mas apenas o que os mundos de BYA

recebem de Atzilut e Ein Sof. O terceiro limite: Cada um dos mundos de BYA consiste de três níveis:

- As Dez Sefirot que constituem a parte do Criador em cada mundo;
- As almas humanas;
- Tudo mais que existe: Mala'achim (anjos), Levushim (vestimentas), e Heichalot (palácios).

O Livro do Zohar estuda as almas humanas, enquanto os outros objetos são analisados apenas em relação às almas humanas. Nada mais é obtido, além de todos os enganos, imprecisões, e desilusões que são resultados da ultrapassagem destes três limites. As seguintes Sefirot correspondem aos quatro mundos já mencionados – Atzilut, Beriah, Yetzirah, Assiyah (ABYA):

- A Sefirat (Sefira de) Chochmah corresponde ao mundo de Atzilut;
- A Sefirat Binah corresponde ao mundo de Beriah;
- As seis Sefirot, de Chessed a Yessod, coletivamente chamadas de Tifferet, correspondem ao mundo de Yetzirah;
- A Sefirat Malchut corresponde ao mundo de Assiyah. Tudo o que existe acima do mundo de Atzilut refere-se à Sefirat Keter.

No entanto, cada um dos mundos acima também é dividido em dez Sefirot. Mesmo o menor objeto em qualquer um dos mundos é dividido em (ou consiste de) dez Sefirot. O Zohar relaciona uma cor específica a cada Sefira (Esquema 2):

- O branco corresponde à Sefirat Chochmah;
- O vermelho corresponde à Sefirat Binah;
- O verde corresponde à Sefirat Tifferet; e
- O preto corresponde à Sefirat Malchut.

Chochma	- Atzilut	(Branco)	
Binah	- Beriah	(Vermelho)	
Chessed	}		
Gvurah			
Tifferet		- Yetzirah	(Verde)
Netzach		(Tifferet)	
Hod			
Yessod			
Malchut	- Assiyah	(Preto)	

Esquema 2

Mesmo sendo a Luz que preenche as Sefirot incolor, os receptores a vêem com sua nuance correspondente. Assim, em todos os cinco mundos (de Ein Sof até o nosso mundo), a Luz que emana do Criador é uma substância absolutamente incolor e imperceptível. Apenas após atravessar os mundos e as Sefirot, como se atravessassem filtros coloridos, a percebemos tendo certa cor e intensidade dependendo do nível da alma que recebe a Luz.

Por exemplo, o mundo de Atzilut conduz a Luz sem a colorir em nada, porque este mundo tem propriedades similares àquelas da Luz. É por isso que a cor da Luz do mundo de Atzilut é definida como branca. As propriedades dos outros mundos diferem das propriedades da Luz; assim, cada um deles a afeta de acordo com sua proximidade com a Luz.

Se compararmos a Luz branca ao papel, a mensagem escrita nele apresenta a informação, e a cor da escrita se coloca contra o fundo branco. Da mesma forma, ao percebermos o vermelho, o verde, e o preto, podemos perceber a Luz.

O mundo de Atzilut (Sefirat Chochmah) é o fundo branco do livro, assim, não podemos concebê-lo. No entanto, Binah (o mundo de Beriah), Tifferet (Yetzirah), e Malchut (Assiyah) que respectivamente correspondem ao vermelho, verde, e preto, nos concedem informação baseada em suas combinações, interações, e reações à Luz que passa do mundo de Atzilut ao nosso mundo.

Deste modo, é como se os mundos de Beriah, Yetzirah, e Assiyah formassem coberturas concêntricas do mundo de Atzilut. Agora, olhemos para dentro dos quatro tipos de conhecimento de um objeto – Matéria, Forma na Matéria, Forma Abstrata, e Essência. Suponha que o objeto seja uma pessoa falsa:

- A Matéria é o corpo da pessoa;
- A Forma na Matéria é o atributo da falsidade;
- A Forma Abstrata é a falsidade, só que percebida independentemente da Matéria;
- A Essência da pessoa (que é absolutamente inconcebível quando separada do corpo).

Não podemos imaginar a Essência por si só com nossos órgãos sensoriais, mesmo quando auxiliados por alguma fantasia. Podemos apenas conhecer as ações e reações à realidade circundante, e as diversas interações com a Essência. Por exemplo, quando examinamos um objeto, o olho não percebe o objeto em si, mas sua interação com a luz, ou melhor, a interação da luz com o olho. Nosso sentido da audição não percebe o som, mas a interação da onda com nosso sentido da audição. Nosso sentido da gustação não percebe o objeto em si, mas a interação da saliva, da extremidade dos nervos, e das glândulas com um objeto.

Todas nossas sensações revelam apenas as interações com as reações da Essência, não a Essência em si. Até o nosso sentido do tato, que nos provê com a informação da rigidez e da temperatura de um objeto, não revela o objeto em si mas, nos permite apenas julgá-lo baseados em nossa reação ao toque e à sensação do objeto.

Assim, o máximo conhecimento do mundo consiste em investigar como a Essência nos influencia. No entanto, visto que mesmo em nossas mais extraordinárias fantasias não poderemos imaginar a Essência sem tê-la sentido ao menos uma vez, em nós falta à imagem mental e o desejo de a investigarmos.

Além do mais, não podemos sequer conhecer a nós mesmos, nossa própria Essência. Ao perceber a mim mesmo como um objeto que ocupa um lugar, uma forma, com temperatura, e habilidade de pensar, eu percebo os resultados das ações de minha Essência, não a Essência em si. Nós recebemos a idéia mais completa em nosso mundo com o primeiro tipo de conhecimento – a Matéria. Esta informação é quase suficiente para nossa existência e interação com o mundo que nos cerca.

Recebemos o segundo tipo de conhecimento, a Forma na Matéria, após investigarmos a natureza que nos cerca usando nossos sentidos. A evolução deste tipo de conhecimento levou à criação da ciência, sobre a qual nós nos baseamos profundamente em todas as situações na vida. Este nível de conhecimento do mundo é também praticamente suficiente para os humanos.

O terceiro tipo de conhecimento, a Forma Abstrata, seria possível se pudéssemos observar a forma enquanto separada da matéria, ao invés de vestida na matéria. No entanto, uma forma pode ser apenas separada da matéria na imaginação de alguém (por exemplo, a falsidade como uma noção abstrata, desconexa de uma pessoa).

Ainda assim, como regra, a investigação de uma forma que está desconexa da matéria, em sua forma abstrata, não produz resultados confiáveis, e não é confirmada de fato. E isto é ainda pior quando se investiga formas que nunca foram vestidas na matéria!

Assim, vemos que dos quatro tipos de conhecimento de um objeto, sua Essência é totalmente imperceptível, e sua Forma Abstrata é conhecida incorretamente. Apenas a matéria e sua forma, quando analisada em conjunto com a matéria, produzem dados verdadeiros e suficientes sobre o objeto investigado.

Nos mundos espirituais de BYA todo objeto é atingido apenas em sua matéria e forma. As cores (vermelho, verde, e preto) nestes mundos constituem a matéria, e nós a atingimos sobre o fundo branco do mundo de Atzilut. Os leitores ao estudarem O Zohar devem se lembrar da necessidade de se limitarem a esses dois tipos de investigação disponíveis a nós.

Como mencionado anteriormente, todas as Sefirot são subdivididas em quatro níveis de conhecimento. Assim, a Sefirat Chochmah constitui a Forma, e Binah, Tifferet, e Malchut constituem a Matéria vestida na Forma.

Apenas as Sefirot Binah, Tifferet, e Malchut são examinadas no Zohar. O livro não se preocupa em examinar a forma separada da matéria, ainda menos a Essência – a parte do Criador (Ein Sof) que anima cada parte da Criação.

As Sefirot Binah, Tifferet, e Malchut no mundo de Atzilut estão disponíveis a nossa investigação, enquanto as Sefirot Keter e Chochmah, mesmo no fim do mundo de Assiyah estão indisponíveis a nós.

Tudo o que existe em cada mundo é dividido em quatro níveis: Inanimado, Vegetativo, Animal, e Humano. Estes correspondem aos quatro níveis de desejo. De forma similar, cada objeto consiste de quatro subníveis de desejo:

- A aspiração pela sustentação de sua existência corresponde ao nível inanimado de desenvolvimento.
- A aspiração pela fartura (riqueza) corresponde ao nível vegetativo de desenvolvimento.
- A aspiração por poder, fama, e honra corresponde ao nível animal de desenvolvimento.
- E a aspiração por conhecimento corresponde ao nível humano.

Assim, percebemos que recebemos a primeira parte do desejo – pelo que é necessário e por prazeres animais – de um nível inferior ao nosso. Satisfazemos os desejos por riqueza, poder e honra através de outras pessoas. Os desejos por educação e conhecimento são encontrados através de objetos superiores.

Todos os mundos espirituais se assemelham um ao outro, diferenciando-se apenas em seus níveis. Desta forma, os níveis inanimado, vegetativo, animal e humano no mundo de Beriah se projetam nos níveis inanimado, vegetativo, animal e humano correspondentes no mundo de Yetzirah. Por sua vez, estes níveis do mundo de Yetzirah tornam-se impressos nos níveis correspondentes do mundo de Assiyah e assim também descem sobre o nosso mundo.

- O nível inanimado nos mundos espirituais é chamado Heichalot;
- O nível vegetativo é chamado Levushim;
- O nível animal é chamado Mala'achim;
- O nível humano é chamado “almas humanas” em um mundo específico.

As dez Sefirot em cada mundo são consideradas as partes do Criador nele. As almas humanas em cada mundo são seu centro e recebem seu sustento dos outros níveis.

Aqueles que estudam O Zohar devem constantemente ter em mente que todos os objetos são vistos apenas em relação à interação deles em um determinado mundo. Toda a investigação se concentra no estudo da alma humana e do que entra em contato com ela.

Pelo Zohar estudar apenas as almas que estão vestidas em corpos deste mundo, Ein Sof é também estudado apenas nesse aspecto. Em outras palavras, o livro investiga a influência, o programa, e o desejo de Ein Sof com relação a nós, mas não com relação a quaisquer outros objetos em outros mundos.

O programa inteiro da Criação do começo ao fim está incluído em Ein Sof, e os mundos de Beriah, Yetzirah, Assiyah, assim como nosso mundo, constituem a realização, de fato, desse programa.

Assim então, todas as ações em todos os mundos são conseqüências da execução do programa que tem sua raiz em Ein Sof, e de lá elas descem ao mundo Atzilut e se quebram em subprogramas distintos. Elas vêm para baixo em uma ordem definida através dos mundos, chegando ao nosso mundo na forma de governo geral e governo individual.

As almas humanas são originadas no mundo de Beriah. É por isso que, a partir deste mundo, alguém pode investigar a dependência e a conexão delas com relação à Ein Sof. As dez Sefirot em cada um dos mundos de BYA recebem correspondentemente, das dez Sefirot do mundo de Atzilut, o programa, o método e o prazo estabelecido para a conclusão de cada uma de suas partes.

Pelo fato de no mundo de Atzilut o plano da Criação existir como um programa, a Luz de Ein Sof que passa através de Atzilut permanece incolor. Toda a informação que obtemos é baseada nas infindáveis transformações da Luz, que revela as cores de Beriah, Yetzirah, e Assiyah a nós.

## A sabedoria da Kaballah

1) Todos os mundos, Acima e abaixo, estão dentro do homem, e o todo da realidade foi criado para o homem apenas. Isto está escrito em O Livro do Zohar. Então, por que nos sentimos diferentes? Sentimos que estamos dentro da realidade, e não que a realidade está dentro de nós. Ademais, por que este mundo não é suficiente para nós? Por que precisamos dos Mundos Superiores?

2) A razão para a criação da realidade é o desejo do Criador de beneficiar Suas criações. Por conseguinte, o Criador criou a criatura com uma natureza de querer desfrutar o que o Criador deseja lhe dar. O Criador está acima do tempo e do espaço; Seu Pensamento funciona como o ato em si. Dessa forma, quando Ele desejou e contemplou a criação das criações, de modo a preenchê-las com delícias, as criaturas foram imediatamente criadas, preenchidas de todos os prazeres que haviam recebido do Criador. No entanto, não sentimos esse estado, uma vez que é apenas a nossa raiz, que devemos alcançar, de acordo com o projeto da Criação. Ao criar a sequência dos mundos a partir do mundo de Ein Sóf através deste mundo, o Criador removeu a criatura de Si mesmo até o estado mais baixo. É importante entender por que Ele fez isso. Será que este ato indica imperfeição em Suas ações? O Ari responde a esta pergunta no livro, A Árvore da Vida: “para revelar a perfeição de Seus atos”, de modo que as criaturas pudessem se aperfeiçoar e alcançar o grau do Criador, que é a única verdadeira perfeição.

Para ajudá-las, **o Criador criou a escala dos mundos**. As almas descem essa escada para baixo até o nível mais baixo, onde se vestem com corpos materiais deste mundo. Assim, através do estudo da Cabalá, as próprias almas começam a subir e a escalar essa escada, por onde haviam descido, até que voltem ao Criador. A alma consiste de Luz e de Kli. A Luz da alma vem do Criador, de Atzmuto (Sua essência). Através dessa Luz, o Kli (vaso) da alma foi criado, sendo o desejo de receber a Luz, para desfrutar da Luz. Portanto, o Kli se encaixa perfeitamente na Luz que vem para preenchê-lo. A Luz é uma parte do Criador. A alma é o Kli real. Logo, unicamente o Kli é considerado uma criação. Foi criado a partir da ausência, ou seja, não havia desejo antes que o Criador tivesse decidido criá-lo. E porque o Criador quis dar o prazer perfeito para este Kli, como está se tornando dEle, Ele criou este Kli—o desejo de receber—enorme, de acordo com a medida da Luz (prazer) que Ele desejou dar.

4) Criação significa iniciação, algo novo que não existia anteriormente, e esta

iniciação é chamada de “existência a partir da ausência”. Contudo, se o Criador é completo, como poderia algo não estar incluído nEle? A partir do que já foi dito, fica claro que antes da Criação, não havia desejo de receber no Criador, pois o Criador é o todo e apenas deseja doar. Assim, o que não está nEle, e deve ser criado, é tão somente o desejo de receber o prazer dEle. O desejo de receber é o todo da realidade. Desse modo, a única diferença entre os elementos da realidade está na medida do desejo de receber em cada elemento, e não há dois elementos que contenham o mesmo desejo.

5) Não existem corpos físicos na espiritualidade. O mundo espiritual é um mundo de desejos, forças “brutas”, desprovidas de roupas materiais de qualquer espécie. Dessa forma, todas as palavras utilizadas na sabedoria cabalista são realmente as denominações do desejo de desfrutar, ou de suas impressões da realização da Luz dentro dela. O Criador é o desejo de doar, e a criatura é o desejo de desfrutar da doação do Criador. Se a criatura desfruta apenas porque o Criador desfruta de sua recepção, tal ato é considerado doação, de acordo com a sua intenção, e não como um ato de receber. Isto é considerado como o desejo do Criador e o desejo da criatura sendo iguais, sem nada para separá-los. Conseqüentemente, seguindo a lei espiritual de equivalência de forma, como resultado da equiparação de suas qualidades (desejos), eles se tornam um. Nesse estado, eles não são dois desejos idênticos, mas são literalmente um. Esse estado de espírito é chamado de “equivalência de forma” ou Dvekút (adesão). No entanto, se eles não têm o mesmo desejo, a mesma intenção, eles não têm o mesmo objetivo e são separados. Porque têm diferentes qualidades (desejos), eles são dois e não um.

Na espiritualidade, esse estado é chamado de “disparidade de forma”. A medida de equivalência de forma entre o Criador e a criatura determina a proximidade deles e a medida de disparidade de forma determina a distância entre eles. No início, o desejo do Criador de doar e o desejo da criatura de receber são iguais, uma vez que a vontade da criatura para receber nasceu do desejo do Criador de doar. Assim:

- Se todos os desejos (intenções) deles são os mesmos, eles são um;
- Se todos os desejos (intenções) deles são opostos, eles estão tão distantes como dois extremos;
- Se, de todos os desejos (intenções), eles têm apenas um desejo comum, então eles estão tocando um no outro através desse desejo comum;
- Se alguns dos desejos (intenções) são semelhantes, eles estão tão longe ou perto na sua medida de equivalência de forma ou disparidade de forma.

6) Não temos realização alguma no próprio Criador, em Atzmuto, uma vez

que alcançamos apenas a sensação da Luz no Kli, o preenchimento em nosso desejo. E o que não conseguimos alcançar, não podemos chamar por qualquer nome, desde que atribuímos nomes de acordo com as nossas impressões sobre o preenchimento. Por isso, não podemos proferir uma única palavra ou atribuir qualquer nome a Atzmuto. Todos os nossos nomes e denominações, com respeito ao Criador, são apenas reflexos do que sentimos para com Ele. Podemos senti-Lo e Suas ações unicamente pela medida de equivalência de forma (desejo, intenção) com Ele. Portanto, na medida em que somos semelhantes ao Criador, sentimos Seus desejos e ações, e damos nome ao Criador em conformidade. Quando sentimos tais desejos e ações, podemos chamá-IO de acordo com o que sentimos dEle. Isso se chama “Por Suas ações, conhecemos Você.”

7) Os cabalistas são as pessoas que vivem neste mundo e se conectam com o Criador de acordo com sua medida de equivalência de forma, enquanto vivem neste mundo. Os mundos são as diferentes medidas de sensação do Criador. Um “mundo” é a medida de revelação ou ocultação do Criador para com as criaturas; e a ocultação completa é chamada de “este mundo”. O início da sensação do Criador é a transição entre este mundo e o mundo espiritual. A transição em si é chamada de “barreira”. **Existem 125 degraus de revelações de partes do Criador às criaturas entre a ocultação e a revelação completa.** Estas partes são chamadas de “mundos”. Os cabalistas escalam os mundos espirituais, corrigindo os seus desejos (intenções). Eles nos dizem — verbalmente ou em texto — que o Criador tem apenas o desejo de beneficiar. Ele criou tudo para nos dar toda a Sua abundância. É por isso que Ele nos criou com o desejo de receber, para que possamos receber o que Ele deseja nos dar. O desejo de receber para nós mesmos é a nossa própria natureza. Porém, nessa natureza, somos opostos ao Criador em forma, uma vez que o Criador é apenas um desejo de doar, e não possui um desejo de receber. **Portanto, se permanecermos na vontade de receber para nós mesmos, permaneceremos para sempre longe do Criador.** Os cabalistas dizem que o propósito do Criador é trazer toda a Criação para si mesmo, e que Ele é a bondade absoluta. Por esta razão, Ele deseja doar a todos. Eles também afirmam que a razão para a criação dos mundos é que o Criador deve ser completo em todas as Suas ações e forças. E se Ele não executa Suas forças em ações completas, Ele é aparentemente considerado incompleto. Todavia, como poderiam operações imperfeitas derivarem do Criador perfeito a tal ponto que Suas ações exigiriam correção por parte das criaturas? Somos Suas ações! Se temos de corrigir a nós mesmos, isso não significa que Suas ações são imperfeitas? O Criador criou apenas o desejo de receber, chamado de “a criatura”. No entanto, quando a criatura recebe o que o Criador deseja lhe dar, ela é separada do Criador, uma vez que o Criador é o Doador e a criatura é o receptor, e assim, eles são opostos. Na espiritualidade, a equivalência de forma é determinada pela equivalência dos

desejos (qualidades, intenções). E se a criatura permanece separada do Criador, o Criador, também, não estará completo, já que as operações perfeitas resultam de um operador perfeito. Para conceder à criatura a possibilidade de alcançar a perfeição de seu próprio livre arbítrio, o Criador Se restringiu—Sua Luz—e criou os mundos, restrição por restrição, até este mundo. Aqui o homem é completamente subordinado ao desejo de desfrutar, mas não para desfrutar da Luz de Deus, mas sim as roupas bestiais sobre ele. Toda a humanidade está se desenvolvendo a partir do desejo de prazer que os animais têm, assim, através dos desejos de riqueza, honra, poder e conhecimento, até que o Criador implante um desejo de desfrutar de algo desconhecido dentro desses desejos, algo além das roupas deste mundo. O novo desejo leva o homem a buscar a realização até que ele chegue ao estudo da Cabalá. Durante o estudo, ele começa a entender a intenção do Criador em relação a ele. Nesse estado, ele não estuda a fim de receber o conhecimento, mas para chamar sobre si a Luz que reforma (“Introdução ao Estudo das Dez Sefirot”). **Através dessa Luz, a pessoa começa a corrigir os seus desejos. Ao todo, o homem tem 613 desejos, que são geralmente chamados Guf (corpo).** A correção dos desejos é feita usando cada desejo com a intenção de doar ao Criador, assim como o Criador doa ao homem. A correção de cada desejo e da recepção da Luz contida nele é chamada de “cumprir uma Mitzvá (boa ação/mandamento)”. A Luz que uma pessoa recebe dentro do desejo corrigido comum é chamada de “Torá”. E a Luz que corrige (reforma) os desejos do homem é o meio pelo qual a criatura obtém sua perfeição .

A perfeição está baseada em que a criatura obtém equivalência de forma (qualidades) com o Criador por si mesma. Isto porque é compensador receber todo o deleite e prazer incluídos no Pensamento da Criação. Em outras palavras, se goza da Luz e do status do próprio Criador, uma vez que se alcançou a equivalência de forma em desejos e pensamentos. Acontece que só através do estudo cabalista a pessoa pode se corrigir e atingir a meta para a qual o homem foi criado. Isto é o que todos os cabalistas escrevem. A única diferença entre os livros sagrados (Torá, Profetas, Hagiógrafo, Mishná, Talmud, etc) é a intensidade da Luz em seu interior, a qual pode corrigir uma pessoa. A Luz nos livros cabalistas é a maior; é por isso que os cabalistas recomendam estudá-los especificamente.

“Não há outro caminho para a população alcançar a elevação espiritual e redenção, exceto através do estudo da Cabalá, que é uma maneira fácil e acessível. No entanto, só alguns podem atingir a meta usando outras partes da Torá”. – Rav Yehuda Ashlag, “Introdução ao Estudo das Dez Sefirot”

“A realização começa com a sabedoria do oculto, e só então são as outras partes da Torá alcançadas. No final, a Torá revelada é alcançada”. – O Vilna Gaon (GRA), Livro de Oração

“A proibição de estudar a Cabalá foi apenas por um tempo limitado, até 1490. Mas desde 1540, todos devem ser encorajados a se ocupar em O Livro do Zohar, uma vez que só através do estudo de O Zohar irá a humanidade alcançar a sua salvação espiritual e a vinda do Messias. Por isso, não devemos evitar o estudo da Cabalá”. – Avraham Ben Mordechai Azulai, Ohr HaChama (Luz do Sol)

“Ai de quem não deseja estudar O Zohar, pois assim eles causam miséria, ruína, saques, matança e destruição ao mundo”. – O Livro do Zohar, Tikúney Zohar (Correções do Zohar), Tikún No. 30

“O estudo de O Livro do Zohar está acima e é preferível a qualquer outro estudo.” – O Chidá

“A redenção e a vinda do Messias dependem apenas do estudo da Cabalá.” – O Gaon de Vilna (GRA), Even Shlemá (Um Peso Perfeito)

“Não há limitações no estudo do Zohar.” – O Chafetz Chaim

“Se meus contemporâneos me atendessem, eles iriam estudar O Livro do Zohar com a idade de nove anos, e assim, iriam adquirir o temor do céu, em vez de conhecimento superficial”. – Rav Yitzhak Yehudá Yehiel de Komarno, Notzer Chessed (Mantendo a Misericórdia)

“Apelo a todas as pessoas a dedicar tempo ao estudo da Cabalá todos os dias, pois disso é o que a purificação de suas almas depende”. – Rav Yitzhak Kaduri

“No futuro, só pelo mérito de O Livro do Zohar é que os filhos de Israel serão redimidos do exílio”. – O Livro do Zohar, Parashat Nasso

8) Há um “poder” no estudo da Torá e das Mitzvot. Este poder é a força espiritual que leva a pessoa a equiparar seu desejo com o desejo do Criador. Porém, este poder aparece e age numa pessoa só quando ela se ocupa na Torá e nas Mitzvot a fim de não receber qualquer recompensa para si mesma. Em vez disso, ela funciona apenas para dar contentamento ao Criador. **Só nesta condição é que se gradualmente adquire equivalência de forma com o Criador.** A correção da equivalência de forma do homem com o Criador é gradual, geralmente composta por cinco degraus: Néfesh, Ruach, Neshamá, Chaiá, Yechidá. Cada degrau é considerado um mundo, uma vez que se a pessoa galga algum degrau no processo de sua correção, ela sente a existência do Criador de acordo com a medida de sua correção. Estas correções são chamadas “mundos”, porque revelam o Criador de acordo com sua medida de correção, e escondem o Criador de acordo com os — ainda não — corrigidos Kelim (desejos), de um total de 613 desejos. Segue-se que a pessoa recebe esses cinco degraus em seu caminho para a perfeição a partir dos cinco mundos: Assiá, Yetzirá, Briá, Atzilut e Adam Kadmon. Dentro

de cada mundo existem cinco Partzufim, e em cada um deles existem cinco Sefirot, daí o total de 125 degraus na “Escada de Jacó” deste mundo até ao topo da escada. Ao cumprir a Torá e as Mitzvot a fim de dar contentamento ao seu Criador, a pessoa é gradualmente recompensada com os Kelim do desejo de doação, degrau por degrau. Dessa forma, sobe os degraus, um de cada vez, finalmente, alcançando a completa equivalência de forma com o Criador. Nesse momento, o Pensamento da Criação é realizado numa pessoa—para receber a alegria completa e a plenitude que o Criador havia planejado para ela. Além disso, a pessoa é recompensada com o maior benefício de todos — Dvekút verdadeira — por ter obtido o desejo de doar, como o Criador.

9) Agora vamos tentar entender o acima escrito: “Todos os mundos, Acima e abaixo, e tudo dentro deles, foram criados para o homem apenas”. Todos esses degraus e mundos vêm apenas para complementar cada desejo numa pessoa com o intenção de doar, assim o homem iria adquirir equivalência de forma com o Criador. Essa equivalência de forma está ausente no homem pela natureza de sua criação. No início, os mundos foram restringidos e os degraus desceram em cascata de degrau em degrau e de mundo em mundo, até ao nosso mundo material, para chegar a um “corpo deste mundo”. Este é o nome que a Cabalá atribui à vontade de receber para si mesmo. No degrau de “este mundo”, a pessoa é como uma besta, já que ela é incapaz de qualquer doação. Nesse estado, o homem é oposto do Criador, e não há distância maior do que essa. Uma pessoa que estuda a Cabalá desperta a “Luz Circundante” sobre si mesma na proporção de seu desejo pela espiritualidade. Esta é a Luz que existe fora, ou em torno do Kli da pessoa (desejo/alma). A Luz Circundante corrige o Kli de tal forma que a sua intenção será de doar. A intenção de doar ao Criador e não a si mesmo torna um ato de recepção num ato de doação. Seguente a sua natureza, o Kli permanece um desejo de desfrutar, mas a meta muda a essência do ato de recepção em doação. Em seguida, a Luz Circundante pode entrar no Kli corrigido com o objetivo de doar ao Criador. É precisamente durante o estudo da Cabalá que a Luz Circundante pode corrigir os desejos da pessoa até que eles sejam dignos de recebê-la como “Luz Interior.” Obtém-se o desejo de doar gradualmente, de Cima para baixo, a partir de um pequeno desejo, que é mais fácil de corrigir, até ao maior deles, seguindo a mesma ordem pela qual os degraus pendiam de Cima para baixo.

Todos os degraus são medidas do desejo de doar. A escada de degraus é organizada de tal forma que quanto mais Elevado o degrau, mais longe este está do desejo de receber para si mesmo, e tanto mais próximo está do desejo de doar. Uma pessoa adquire gradualmente todos os degraus de doação até que seja recompensada apenas com o objetivo de doar, sem qualquer autorecepção. Nessa altura, uma pessoa está completa, em Dvekút verdadeira com o Criador. Este é o

propósito da Criação, e o homem foi criado para isso apenas. É por isso que todos os mundos e tudo dentro deles não foram criados para eles mesmos, mas apenas para auxiliar o homem a subir a escada de degraus. Quando a pessoa se corrige a si mesma e está plena de Luz, todo o sistema de mundos e tudo dentro deles está incluído em tal pessoa.

10) Uma pessoa que sabe e se lembra do que foi dito aqui tem permissão de estudar a Cabalá, sem qualquer medo de materializá-la. Isso porque estudar a sabedoria cabalista sem a devida orientação confunde o aluno. Por um lado, todas as Sefirot e Partzufim desde o mundo de Atzilut até ao mundo de Assiá são a Divindade completa, em unidade com o Criador, e por outro lado, como pode haver mudanças, subidas, descidas e Zivúgim (acoplamentos) na Divindade e da unidade?

11) A partir do que foi explicado fica claro que todas essas mudanças—subidas, descidas, restrições e Zivúgim — são discernidas apenas com relação ao Kelim das almas que recebem a Luz. A realidade pode ser dividida em duas partes: potenciais e reais. Isso é semelhante a uma pessoa que quer construir uma casa e já tem o projeto da casa em mente. Mas o projeto da casa não é como a casa concluída — um projeto que foi executado. Isto é porque o pensamento sobre a casa é feito de substância conceptual e existe em potencial.

Todavia, quando a casa começa a emergir do pensamento para a ação, ela se transforma numa diferente substância — tijolos e madeira. Do mesmo modo, devemos distinguir entre o potencial e o real nas almas. A evocação “real” das almas do Criador começa apenas a partir do mundo de Briá. É por isso que todas as mudanças e tudo o que ocorre antes de o mundo de Briá é considerado “potencial”, sem qualquer distinção real do Criador. Este é o motivo por que se diz que todas as almas estão incluídas em Malchut de Ein Sóf, no ponto médio da realidade, uma vez que este ponto contém “potencialmente” todos os Kelim (plural de Kli) das almas que estão destinadas a surgir na realidade a partir do mundo de Briá para baixo. E Tzimtzum Álef (primeira restrição) também ocorreu no ponto médio, apenas no “potencial”, com respeito às almas futuras. No que diz respeito às almas, todos os Kelim das Sefirot e mundos que surgem e pendem do ponto médio, após Tzimtzum Álef e para baixo do mundo de Briá, estão apenas em potencial. Quando as almas começam a surgir, de fato, do mundo de Briá para baixo, só então as alterações nos degraus dos mundos os afetam.

12) Isto é similar a uma pessoa que se esconde e se oculta com roupas e coberturas, então ela não será vista ou notada. Contudo, para si mesma, ela permanece como estava. Assim, as dez Sefirot, Kéter, Chochmá, Biná, Chéssed, Gvurá, Tiféret, Netzach, Hod, Yessod e Malchut são apenas dez coberturas que cobrem Ein Sóf e o oculta das almas. A Luz de Ein Sóf está em repouso completo;

portanto, ela brilha dentro das coberturas. Mas porque as almas recebem a Luz de Ein Sóf através das coberturas, elas se sentem como se houvesse mudanças na Luz. Por esta razão, as almas que recebem a Luz são divididas em dez degraus, também, de acordo com a divisão nas coberturas. Todas as coberturas são apenas para o mundo de Briá para baixo, uma vez que somente a partir daí para baixo existem almas que recebem das dez Sefirot através das coberturas. Nos mundos Adam Kadmon (AK) e Atzilut ainda não há presença de almas, uma vez que elas estão apenas em potencial. Embora as dez coberturas nas dez Sefirot governem apenas os mundos BYA — Briá, Yetzirá, Assiá—as dez Sefirot não são consideradas Divindade, também, como antes de Tzimtzum Álef. A diferença é apenas nos Kelim das dez Sefirot: em AK e em Atzilut estão em potencial; e a partir de BYA, os Kelim das dez Sefirot começam a revelar a sua força de ocultação e cobertura. Isto é assim, embora as coberturas não inflijam qualquer mudança na própria Luz.

13) Isso levanta uma questão: Se, dentro dos mundos AK e Atzilut, ainda não há uma revelação real das almas que recebem Luz dos mundos, qual é o propósito dos Kelim de AK e Atzilut, e para quem eles escondem e cobrem a Luz de Ein Sóf, de acordo com as suas medidas? No futuro, as almas vão subir para AK e Atzilut, juntamente com a mundos BYA, e receber a Luz deles. Assim, as mudanças ocorrem em AK e Atzilut, igualmente, de acordo com as qualidades das almas, visto que elas estão destinadas a brilhar para as almas que vão subir até elas no futuro.

14) Conclui-se que os mundos, iniciações, mudanças e todos os degraus se referem apenas aos Kelim, que afetam as almas e as medem de forma que eles possam receber a partir da Luz de Ein Sóf. Não obstante, quando as almas sobem em degraus, elas não provocam qualquer mudança na Luz de Ein Sóf, propriamente dito, visto que as coberturas não afetam a coisa que está sendo coberta, apenas a pessoa que quer sentir o que é coberto e receber dela.

15) Devemos fazer três discernimentos nas Sefirot e nos Partzufim, onde quer que estejam — Atzmuto, Kelim, e Luzes.

1. Em Atzmuto, os receptores não têm qualquer pensamento ou percepção.
2. Nos Kelim, há sempre dois discernimentos opostos: ocultação e revelação.

Primeiro, o Kli se oculta a si mesmo, por isso os dez Kelim nas dez Sefirot são dez degraus de ocultação. Entretanto, depois que as almas recebem as mesmas condições que nos Kelim, essas ocultações se tornam revelações, realizações das almas. Nesse estado, os dois discernimentos opostos nos Kelim se tornam como um, visto que a medida de revelação no Kli é apenas como a medida de ocultação

no Kli. E quanto mais grosseiro for o Kli, quando ele se esconde mais do seu Atzmuto, ele revela um Nível Superior.

3. As luzes das Sefirot são a medida específica que deve aparecer para a realização das almas. Apesar de tudo o que se estende desde Atzmuto, a realização na Luz é apenas nas qualidades do Kli. Assim, existem necessariamente dez Luzes nesses dez Kelim, ou seja, dez degraus de revelação. Deste modo, a Luz não pode ser distinguida de Atzmuto, mas apenas na medida em que não há a percepção ou a realização em Atzmuto. O que nos é revelado é apenas o que nos chega do Criador através de Suas vestes no Kelim das dez Sefirot. Portanto, nós nos referimos a algo que alcançamos pelo nome, “Luzes”.

## QUATRO ESTÁGIOS NO DESENVOLVIMENTO DO KLI

Os cabalistas alcançaram a espiritualidade e escreveram nos livros cabalistas. Eles perceberam que a raiz de toda a realidade é uma Força Superior, a que chamaram Atzmuto (Seu Eu), visto que não puderam alcançá-la em si mesmos. Eles, no entanto, alcançaram que um pensamento e uma intenção se originam de Atzmuto—para criar criações e deliciá-las. Eles chamaram aquele pensamento e aquela intenção de “Pensamento da Criação” ou “Luz Superior.” Por conseguinte, no que diz respeito à criatura, a Luz é o Criador, visto que Atzmuto é inatingível. Assim, a conexão Criador- criatura existe através da Luz Superior. Para resumir: a Luz emana a partir de Atzmuto e deseja criar uma criatura e deliciá-la, preenchendo-a com prazer. Em outras palavras, o objetivo da Luz é criar uma criatura que irá sentir a Luz como prazer. É por isso que os cabalistas chamaram a criatura, Kli, e a Luz, “preenchimento”. A Luz que provém de Atzmuto para criar a criatura é chamada Bechinát Shóresh (discernimento da Raiz), visto que é a raiz de toda a realidade. Esta Luz cria um desejo de desfrutá-la, e o desejo de desfrutar a Luz é chamado de a Luz do “desejo de receber”. **A medida de prazer depende da medida do desejo de recebê-la.** Como em nosso mundo, a pessoa pode ter o estômago vazio, mas nenhum desejo de comer. Portanto, o desejo é o Kli para o preenchimento, e sem desejo, não há prazer. Não existe coerção na espiritualidade, e o preenchimento sempre segue o desejo. A Luz emerge de Atzmuto, cria um Kli, e o preenche. O prazer experimentado na criatura pela recepção da Luz é chamado de Ohr Chochmá (Luz da Sabedoria). O desejo nascido pela Luz que o preenche é

chamado de Bechiná Álef (primeiro discernimento). É dado esse nome já que este é o primeiro discernimento do futuro Kli.

No entanto, este desejo ainda não é autônomo, uma vez que é diretamente criado pela Luz. Um verdadeiro ser criado é um que deseja desfrutar de toda a Luz emitida a partir do Criador por si só. Em outras palavras, o seu desejo e decisão de desfrutar a Luz deve vir de dentro de si, em vez de ser instilada nele pelo Criador. Para querer receber a Luz, a criatura deve primeiro saber a quantidade de prazer que existe na Luz. Por isso, deve ser preenchida com a Luz e depois sentir o que é estar sem Luz. Nesse estado, um verdadeiro desejo pela Luz é criado em tal criatura. É semelhante a situações que conhecemos da vida. Quando uma pessoa recebe alguma fruta desconhecida para provar, inicialmente, tal pessoa não tem qualquer desejo por ela. Porém, depois que a pessoa saboreia a fruta, e experimenta o prazer que dela deriva, e o fruto é retirado, a pessoa começa a ansiar por ela e deseja voltar a experimentar o prazer. Este desejo é o novo desejo que nasceu numa pessoa, que a pessoa sente como um desejo autônomo. Por conseguinte, é impossível construir o Kli todo de uma vez. Em vez disso, para o desejo saber o que desfrutar, para que ele sinta o que ele quer desfrutar, ele deve passar por toda a ordem da evolução.

Na Cabalá, esta condição é apresentada como uma lei: “A expansão da Luz no interior do desejo de receber, e a sua partida de lá torna o Kli adequado para a sua tarefa de receber toda a Luz e para desfrutar dela”. Os estados do desenvolvimento do desejo são chamados de Bechinot (discernimentos), uma vez que são novas observações no desejo de receber. Por conseguinte, uma Luz que preenche o Kli dá, juntamente com o prazer, a sua qualidade de dar. E enquanto o Kli desfruta da Luz, ele de repente descobre que ele deseja doar, como a natureza da Luz que o preenche. A razão para isso é que o Criador intencionalmente preparou para a Luz a capacidade de transmitir ao Kli o desejo de doar, juntamente com o prazer. Segue-se que uma vez que a Luz criou Bechiná Álef e o preencheu, ela sentiu que queria ser semelhante ao Criador. E porque este era um novo desejo, foi um novo discernimento, chamado de Bechiná Bet (segundo discernimento). Bechiná Bet é um desejo de dar. O prazer que se sente de ser semelhante ao Criador é chamado de Ohr Chassadim (Luz da Misericórdia). Vemos, pois, que Bechiná Álef é oposto a Bechiná Bet no sentido de que o desejo em Bechiná Álef é para receber, e o desejo em Bechiná Bet é dar. A Luz em Bechiná Álef é Ohr Chochmá, e em Bechiná Bet é Ohr Chassadim. Quando o desejo de receber em Bechiná Álef começa a desfrutar a Luz que o preenche, ele imediatamente percebe que a Luz é o doador do prazer e que ele (Bechiná Álef) é o receptor do prazer. Em consequência, ele começa a querer ser como a própria Luz, não querendo receber o prazer, mas dá-lo, como a Luz. Por esta razão, o desejo de receber

desaparece nele e permanece vazio de Ohr Chochmá, uma vez que o prazer é apenas sentido num desejo por ele. O desejo de receber não pode ficar sem Ohr Chochmá, visto que Ohr Chochmá é a Luz da vida. Por isso, ele é obrigado a receber algum Ohr Chochmá. Assim, este novo desejo, chamado de Bechiná Guimel (terceiro discernimento) é composto por dois desejos: **1) o desejo de ser semelhante à Luz; e 2) o desejo de receber um pouco de Ohr Chochmá.**

Nesse estado, o Kli sente duas Luzes: Luz de Chassadim — no desejo de doar — e Luz de Chochmá — no desejo de receber. Quando Bechiná Guimel recebe Luz, ele sente que as suas duas Luzes, Ohr Chochmá, a Luz da vida, se adaptam a sua natureza. Em seguida, ele decide recebê-la em sua totalidade, e, assim, nasce um novo desejo, independente de receber aquele prazer, Ohr Chochmá. Este é o mesmo prazer, com o qual o Criador deseja preencher a criatura. Vemos, pois, que a Luz que emerge de Atzmuta cria para si um Kli em quatro etapas. Portanto, este desejo final, chamado de Bechiná Dálet (quarto discernimento), é a única criatura. Todas as suas fases anteriores são apenas os estágios de seu desenvolvimento. De fato, toda a criação é Bechiná Dálet. Tudo o que existe, na realidade, além do Criador é Bechiná Dálet. Bechiná Dálet é chamado de Malchut (Realeza), uma vez que o desejo de receber reina nele.

## QUATRO BECHINOT

Bechiná Dálet é a única criatura. Bechiná Dálet é dividido em exterioridade, cujas partes são Sefirot, Partzufim (plural para Partzuf), mundos, e nosso mundo — inanimado, vegetal e animal e em interioridade: as almas das pessoas. A diferença entre todas essas partes é apenas na medida do desejo de receber no seu interior. Bechiná Dálet, que foi completamente preenchido com Ohr Chochmá, é chamado de “o mundo de Ein Sóf” (sem fim), uma vez que não há fim algum para o seu desejo de receber a Luz. Bechiná Dálet recebe a Luz através de seus quatro Bechinot precedentes — Shóresh, Álef, Bet e Guimel. Assim, ele é dividido internamente em cinco Bechinot do desejo de receber: desejos por Luzes no Bechinot anteriores a si próprio, e o desejo pela Luz que vem a ele.

## OS QUATRO BECHINOT ANTES DE BECHINÁ DÁLET, COM CINCO BECHINOT DENTRO DELE

Resumo: A Luz emana a partir do Criador, Bechinát Shóresh. A Luz cria uma criatura, Bechiná Dálet, em quatro etapas. A essência da criatura é o desejo de receber prazer. O prazer é a sensação da Luz dentro do desejo. Bechiná Dálet, ele mesmo, se divide em quatro partes, que recebem a Luz do Bechinot anterior. Bechiná Dálet, que é preenchido com Ohr Chochmá, é chamado de “o mundo de Ein Sóf”. As partes de Bechiná Dálet são chamadas de “almas” e “mundos”. Os mundos contêm Partzufim, Sefirot, e tudo que não seja as almas.

### TZIMTZUM ÁLEF , MASSACH , PARTZUF

Quando Ohr Chochmá preenche o desejo de receber em Bechiná Álef, ela concede a vontade de receber a sua natureza—o desejo de doar. Esta é a razão pela qual, no seu final, Bechiná Álef—depois que ele sentiu a natureza da Luz que o preenche—mudou seu desejo de querer receber para querer dar. Uma vez que Bechiná Dálet se afastou de Bechiná Guimel e foi preenchido com sua Luz, a qual é Ohr Chochmá, também, a Luz o afetou de tal forma que ele começou a querer dar, semelhante à natureza da Luz em seu interior. Desse modo, o desejo de receber desapareceu de Bechiná Dálet. Não obstante, por que a Ohr Chochmá concede ao Kli um desejo de doar quando o preenche? Isto é assim porque o Kli sente não apenas o prazer da Luz, mas o desejo do Doador, também. O Criador poderia ter criado um Kli que não O sentiria como o Doador, mas só o prazer de recepção. Em nosso mundo, isto é o que as pessoas sentem quando seu desejo de receber é ainda pouco desenvolvido, como aquele das crianças, dos brutos, ou dos doentes mentais. À medida que a criança cresce, ela fica envergonhada de receber. No homem, essa sensação é tão desenvolvida que se preferiria qualquer dor do mundo ao sofrimento da vergonha. **O Criador criou essa qualidade em nós deliberadamente, de modo que, através dela, fôssemos capazes de nos elevar acima da nossa natureza, o desejo de receber.** Para se envergonhar e sofrer por receber, a pessoa deve sentir que está recebendo. Isso só é possível se você sentir o doador, se houver um doador. Se eu não puder sentir o anfitrião, não me envergonharei. Mas se o anfitrião estiver na minha frente, eu terei vergonha. Não posso receber diretamente porque terei que me relacionar com ele. Sentirei que devo dar algo em troca para receber dele. Nesse caso, não estarei mais recebendo,

mas trocaria de lugar com ele e me tornaria um doador, desde que então, ele também estaria recebendo de mim. A sensação do Criador evoca tão grande sofrimento devido à recepção em Malchut, que este decide nunca usar sua vontade de receber para a recepção de prazeres para si mesmo. Esta decisão em Malchut, para não receber a Luz para si mesmo, é chamada de Tzimtzum (restrição). O nome, Tzimtzum Álef (primeira restrição), indica que esta operação ocorreu pela primeira vez. Por conseguinte, Malchut parou de receber Luz. Por meio disso, ele deixou de ser um receptor, mas ainda não estava dando coisa alguma para o Criador; ele ainda não havia cumprido o seu desejo de se tornar como a Luz, o doador de prazer.

Por não receber prazer do Criador, Malchut não obteve equivalência de forma. Assim, vemos que o ato de Tzimtzum Álef não era uma meta, mas um meio para adquirir a capacidade de dar. O propósito do Criador na Criação foi para Malchut, o ser criado, receber prazeres. O Pensamento da Criação é constante e absoluto. Por consequência, o Criador, a Luz, continuou a pressionar Malchut para recebê-la. Malchut sentiu que o ato de restrição não foi suficiente para alcançar o ato de doação. No entanto, como poderia a criatura, cuja única qualidade é receber, dar ao Criador, como Ele o faz. Ao sentir as qualidades dos nove Superiores dentro dele — as qualidades do Criador que ele sente dentro, as quais, para ele, formam a atitude do Criador para com ele — Malchut começa a entender como ele pode vir a doar ao Criador. Decide que, se ele receber a Luz e desfrutá-la apenas porque o Criador desfruta de seu prazer nela, sua recepção seria o equivalente à doação. Recepção de prazer pelo receptor a fim de beneficiar o doador torna um ato de recepção num ato de doação. Portanto, se Malchut recebe toda a Luz (prazer) que o Criador preparou para ele, ele estaria dando a Ele, assim como o Criador está dando a ele. Tomemos, por exemplo, um convidado visitante. O anfitrião atende o convidado com alimentos, precisamente na quantidade e sabor que o convidado deseja (o desejo está em perfeita combinação com a Luz, em sabor e quantidade, uma vez que a Luz-prazer criou o Kli-desejo de acordo com ela mesma). Contudo, embora o convidado esteja com fome, a presença do anfitrião cria vergonha nele, o que o impede de receber. A vergonha advém da sensação de si mesmo como um receptor, e do anfitrião como um doador. E a vergonha é tão forte que ele não pode mais receber. Contudo, o anfitrião está implorando para que ele coma, já que ele preparou tudo para o convidado, convencendo o convidado que o anfitrião iria desfrutar do seu ato de se alimentar. Então, parece ao convidado que se ele devesse receber o prazer, depois de ter rejeitado várias vezes, esta recepção seria considerada como dando e beneficiando o anfitrião. Portanto, o convidado se

O Criador deseja beneficiar Suas criaturas.

As criaturas são destinadas a receber o benefício do Criador para si mesmas.

Para esta finalidade, o Criador criou uma criatura independente, completamente separada dEle.

A criatura não sente o Criador, porque a Luz é mais Elevada do que o Kli, e quando ela preenche o Kli, ela o controla e determina o que o Kli vai querer.

Na Cabalá, a fome, o desejo de receber deleite e prazer, é chamado de Kli (vaso). O prazer que vem do Criador é chamado de Ohr Yashar (Luz Direta). A força que repele o prazer que vem do Criador é chamado de Massach (tela). A Luz repelida pela Massach é chamada de Ohr Chôzer (Luz Refletida). Usando a força da Massach — o poder para resistir à autogratificação e deleitar o Criador—o Kli pode resistir ao seu próprio desejo de receber. Podemos entender que o Kli rejeita a Luz, mas é mais verdadeiro dizer que o Kli rejeita usando o desejo de desfrutar por si mesmo. O Kli não pode retornar a Luz ao Criador; ele só pode mudar sua intenção. O objetivo criado no Kli para deleitar o Criador é chamado de Ohr Chôzer (Luz Refletida). Ohr (Luz) é um outro nome para o prazer. Ohr Yashar é o prazer que o Criador deseja dar à criatura, e Ohr Chôzer é o prazer que a criatura deseja doar ao Criador. Uma vez que o Kli (convidado) está certo que ele não vai receber (desfrutar) para si mesmo, ele examina a intensidade de sua Ohr Chôzer (a medida do seu desejo para dar prazer ao Criador—Anfitrião), e decide receber a abundância que vem através dela a partir de Ohr Yashar (a delicadeza e os deleites que o Anfitrião está proporcionando), mas apenas o quanto ele possa receber a fim de deleitar o Criador (Anfitrião).

Os cabalistas são pessoas que sentem a Luz emitida a partir do Criador e todas as suas ações. Mas quando escrevem sobre a espiritualidade, eles transmitem suas sensações numa linguagem de termos “técnicos” e definições. Portanto, apenas se o leitor tiver uma Massach e as forças, as quais os livros se referem, ele poderá “traduzir” as palavras em sentimentos, executando as mesmas ações que ele lê em seu próprio interior. A Luz vem diretamente do Criador (daí o seu nome, Ohr Yashar) e deseja preencher o Kli. No entanto, ela encontra a Massach. A Massach repele a Luz (se recusa a recebê-la a fim de receber), mantendo assim a condição de Tzimtzum Álef: não receber para si mesmo. Uma vez que o Kli está certo que não vai receber para si mesmo, ele calcula (usando a Massach) o quanto ele pode receber a fim de doar (deleitar o Criador). A sensação na Luz e a decisão de quanto a receber são feitas antes de recebê-la. Por esta razão, esta parte do Kli é chamada de Rosh (cabeça). O lugar de cálculo, onde a Massach está, é chamado de Pê (boca). Após a decisão no Rosh, o Kli recebe a Luz no Toch (interior). O Toch é a parte do Kli em que a recepção da Luz (sensação de prazer dentro do desejo de desfrutar) ocorre de fato. Ohr Chochmá (o prazer) é recebida com o objetivo de deleitar o Criador desta maneira. Este objetivo é chamado de Ohr Chassadim (Luz

da Misericórdia). Na linguagem cabalista, Ohr Yashar se veste de Ohr Chôzer, e Ohr Chochmá se veste em Ohr Chassadim. O Kli pode receber apenas uma pequena porção da Luz que vem do Criador, visto que a Massach não tem o poder de receber toda a Luz. Assim, uma parte (dos desejos) nele é preenchida e uma parte permanece vazia. A parte que permanece vazia é chamada de Sóf (final, conclusão). Vemos, pois, que a criatura é composta de três partes: Rosh, Toch e Sóf. Juntas, elas são chamadas de Partzuf (face, semblante). O Guf do Partzuf (todos os seus desejos) se divide em Toch, a parte receptora e Sóf, que permanece vazia.

- O limite no Guf do Partzuf , onde a recepção da Luz termina, é chamado de Tabúr (umbigo).

- A parte da Luz recebida dentro do Partzuf é chamada de Ohr Pnimi (luz interna).

- A parte da Luz que permanece fora do Kli é chamada de Ohr Makif (Luz Circundante).

- Através da Massach, a Ohr Yashar se divide em Ohr Pnimi e Ohr Makif . Malchut compreende cinco Bechinot (discernimentos).

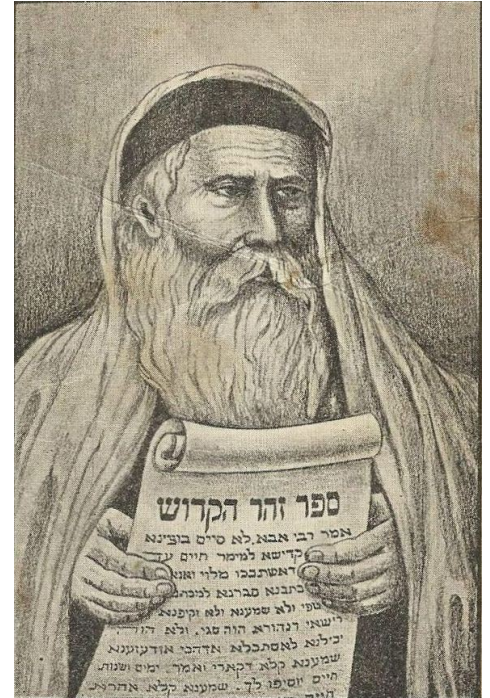
A Massach decide quanto a receber em cada Bechiná. Cada Bechiná se divide numa parte que recebe e numa parte que não recebe. Logo, há cinco Bechinot no Toch e cinco Bechinot no Sóf.

Resumo: Quando a Luz corrige o Kli, ela dá o desejo do Criador ao Kli. Isso, na verdade, é o que nos falta: a Luz (a Luz Circundante, que evocamos durante o estudo, se quisermos alcançar o propósito da Criação) vir e nos corrigir, de modo que possamos querer que nossas ações sejam semelhantes àquelas do Criador (doação). **Esta é a singularidade do estudo da Cabalá, e esta é também a sua importância. O estudo evoca a Luz Circundante, que corrige a pessoa.**

# Personagens da Cabala

## Shimon bar Yochai

O rabino Shimon bar Yochai é um dos personagens conhecidos da cabala: Seu nome tem sido mencionado geração após geração em narrações, além de estar presente nos registros do Talmud (livro de comentários e interpretações sobre a Torá). Conta-se que ele vivia na Judeia na época em que essa região era uma do Império Romano. Os judeus sofriam com a falta de liberdade religiosa e o rabino, inconformado, fazia críticas contundentes ao então imperador Adriano. Por causa disso, teria sido condenado a morte, mas escapou ao se esconder numa caverna nas montanhas da Galileia, ao lado do filho Elazar. Segundo conta a tradição, os dois teriam vivido reclusos durante 13 anos. Shimon aproveitou a situação para orar, meditar e mergulhar em profundos questionamentos espirituais. Até que, certo dia, teria recebido os ensinamentos da cabala diretamente do profeta bíblico Elias.



## O que fez pela Cabalá?

Foi o primeiro mestre a ensinar publicamente essa tradição, segundo os cabalistas. Conta-se que, após a morte do imperador Adriano, ele saiu da caverna e se espantou com o mundo que viu. "Como as pessoas podem se envolver nos afazeres desse mundo e esquecer os assuntos do outro mundo?", perguntou ao filho. Foi que decidiu passar adiante os ensinamentos que recebera de Elias. Reuniu os primeiros discípulos e falou sobre Deus, a origem do mundo e a criação dos seres humanos. Mais tarde, quando estava prestes a morrer, teria sintetizado, com a ajuda dos alunos, todos os seus conhecimentos: eles foram compilados em manuscritos que percorreriam o mundo com o nome de Zohar. Estudiosos

discordam dessa versão, dizendo que o livro só foi produzido séculos depois, na Idade Média, pelo rabino espanhol Moisés de León.

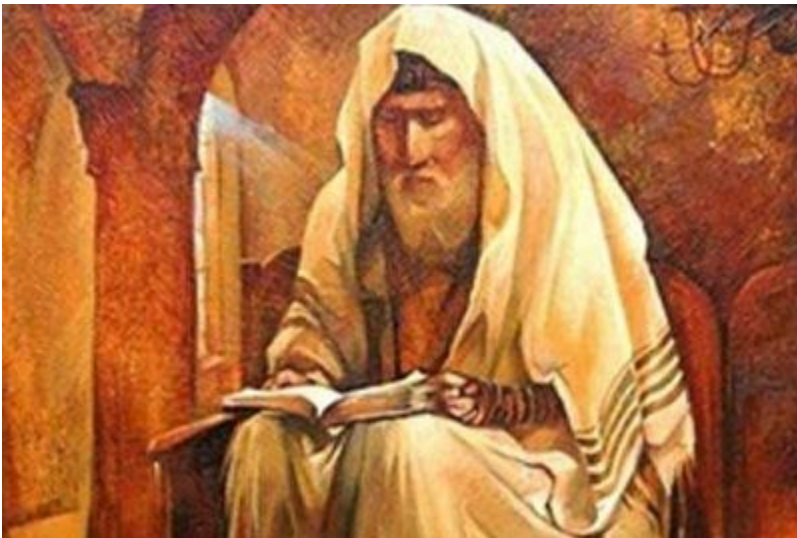
### Como é lembrado?

É considerado um dos mais importantes sábios do judaísmo. Sua história e seus feitos são descritos no Zohar e no Talmud. O aniversário de sua morte é celebrado no feriado de Lag Baomer<sup>1</sup>, em maio. Na ocasião, milhares de judeus visitam seu túmulo em Safed, na região norte de Israel, e acendem velas para homenagear o homem que teria trazido a luz da cabala para o mundo.



*Imagem 1: Foto de judeus celebrando o Lag Baomer*

### Moisés de León



Nascido de uma família humilde em 1250, Moisés de León passou os primeiros anos de vida entre León, Guadalajara e Ávila, na Espanha. Depois de se tornar rabino, desenvolveu um forte interesse pela literatura mística judaica. Escreveu diversos textos sobre o assunto, mas nada que chamasse a atenção dos sábios judaicos. A fama só chegou quando, certo dia, ele passou a distribuir manuscritos em aramaico para os seus colegas. Indagado sobre a origem do material, Moisés teria

<sup>1</sup> Lag BaOmer é comemorado no dia 18 do mês de Iyar. A palavra "Lag" é composta pelas letras hebraicas lamed (ל) e gimel (ג), que juntas possuem o valor numérico de 33. "Baomer" significa "do Omer". O Omer é o período de contagem que começa no segundo dia de Pêssach e culmina com o feriado de Shavuot, após 4 dias da contagem do Omer.

dito que eram trechos copiados do Zohar, o livro cabalista atribuído ao rabino Shimon bar Yochai, que teria vivido no século 2.

### **O que fez pela Cabalá?**

Quando Moisés de León disse que havia descoberto os manuscritos originais do famoso “Livro do Esplendor”, provocou furor entre os estudiosos. Alguns comemoravam a descoberta, que consideravam histórica. Outros passaram a acusá-lo de falsário: afinal, o rabino jamais mostrou os originais a quem quer que fosse. Hoje, a maior parte dos estudiosos acredita que ele é o verdadeiro autor dos manuscritos. E há quem argumente que o material apresentado por ele foi escrito em parceria com outros cabalistas da Idade Média. Seja como for, sua contribuição para a tradição mística do judaísmo é inquestionável.

### **Como é lembrado?**

Moisés não ganhou memorial, feriado ou homenagem póstuma. A fama de falsário rondou seu nome por muito tempo. No século 16, os manuscritos que ele fez circular na Espanha foram finalmente reunidos e impressos em forma de livro. O Zohar, o Livro do Esplendor, passou a circular o mundo e, desde então, é considerada a obra fundamental da cabala.

Issac Luria

### **Quem foi?**

Descendente de uma família alemã, Isaac ben Solomon Luria nasceu em Jerusalém em 1534. Depois de perder o pai ainda criança, foi morar com o irmão de sua mãe na cidade do Cairo, no Egito. Rabino, o tio de Isaac apresentou a ele as principais obras da literatura sagrada judaica. Conta-se que o menino passou a ler a Torá e, em pouco tempo, lá discutia com os adultos as tradições



judaicas. Aos 15 anos Isaac casou com sua prima e foi morar numa pequena ilha no rio Nilo. Diz a lenda que, nessa época, um exemplar do Zohar foi parar em suas mãos. Ele teria ficado tão impressionado que passou a se dedicar inteiramente ao seu estudo.

### **O que fez pela Cabalá?**

Aos 36 anos Isaac mudou-se para a cidade israelense de Safed, que havia se transformado na capital mundial da cabala ao receber os judeus expulsos da Espanha na época da Inquisição. Permaneceu ali pouco mais de dois anos, tempo suficiente para renovar o misticismo judaico. Responsável pela criação de uma nova linha da cabala, chamada de luriânica, introduziu a ideia do *tikum* ("reparo"), segundo a qual a luz divina, no momento da criação, estilhaçou-se em partículas que permearam o mundo material. A tarefa dos seres humanos seria libertar essas centelhas, para que elas retornassem a sua origem.

### **Como é lembrado?**

Falecido em 1572, Isaac deixou poucos escritos. Mas a maior parte de seus ensinamentos foi registrada por discípulos como o rabino Chaim Vidal. Quando esses escritos ganharam o mundo, Luria passou a ser visto como um visionário.

## A numerologia hebraica (Gematria)

Guemáttria ou gematria é um dos 32 métodos exegéticos<sup>2</sup> utilizados pelos sábios para interpretar a Torá. A Guemáttria nos permite analisar a Torá (ou qualquer outro texto hebraico) usando a matemática. Em hebraico, cada letra possui um valor numérico. A Guematria é o cálculo da equivalência numérica das letras, palavras ou frases de modo a aumentar a compreensão da interrelação entre os diferentes conceitos. Abaixo você confere a tabela com as letras do alfabeto hebraico e seus respectivos valores numéricos.

Valor numérico	Nome da letra	Letra em hebraico	Valor numérico	Nome da letra	Letra em hebraico
30	lamed	ל	1	alef	א
40	mem	מ	2	bet	ב
50	nun	נ	3	guimel	ג
60	samech	ס	4	dalet	ד
70	áyin	ע	5	hêi	ה
80	pêi	פ	6	vav	ו
90	tsádi	צ	7	záin	ז
100	kuf	ק	8	chet	ח
200	reish	ר	9	tet	ט
300	shin	ש	10	yud	י
400	taf	ת	20	kaf	כ

<sup>2</sup> Exegese é uma interpretação ou explicação crítica de um texto, particularmente de um texto religioso. Fonte: Wikipédia

## Exercícios:

Utilizando a tabela da página ao lado, calcule o valor numérico das palavras abaixo e entenda como funciona este método cabalístico milenar.

Exemplo:

<b>ADÓN OLÁM</b> = Senhor do Universo	א	ל	ו	ע		ו	ו	ד	א
Total: 207	40	30	6	70		50	6	4	1

<b>EIN SÓF</b> = Infinito; sem fim	א	ו	ס		ו	י	א
Total:							

<b>CABALÁ</b> = Cabalá	א	ל	ב	ק
Total:				

<b>CHOCHMÁ</b> = Sabedoria	א	ט	כ	ח
Total:				

<b>NEVUÁ</b> = Profecia	א	א	ו	ב	נ
Total:					

Figura 1: Credits especiais a equipe Gal Einai

Como o objetivo não é se aprofundar no ensino da Gematria, pois é extenso, indicarei um livro e uma playlist de videos-aulas sobre o assunto.



## Videos-aulas:

[Aula de Hebraico - Módulo 3 - Gematria - Aula 1](#)

[Aula de Hebraico - Módulo 3 - Gematria - Aula 2](#)

[Aula de Hebraico - Módulo 3 - Gematria - Aula 3](#)

[Aula de Hebraico - Módulo 3 - Gematria - Aula 4](#)

[Aula de Hebraico - Módulo 3 - Gematria - Aula 5](#)

[Aula de Hebraico - Módulo 3 - Gematria - Aula 6 \[Final\]](#)

[Tratado sobre Cabalá Literal \(Gematria\) - Lochem Sod \(em PDF\)](#)

Caso alguns conceitos não tenham sido claros, ou deseja lembrar parte dos nomes hebraicos citados, eis aqui um glossário: --->



## GLOSSÁRIO

**OR EINSOF** – Luz infinita, emanada pela essência Divina.

**CHALAL OU MAKOM PANUI** – Literalmente traduzido como "buraco" ou "espaço vazio". Local onde D'us ocultou a luz infinita criando, assim, um espaço apropriado para a criação de mundos limitados.

**TSIMTSUM** – "Contração" ou "ocultação" da luz Divina.

**KÉTER** – Normalmente traduzido como "coroa". Nível espiritual elevado, acima do mundo de Atsilut.

**ATSILUT** – "Emanação". Primeiro mundo espiritual, totalmente conectado com D'us, onde somente almas de justos muito elevados atingem após o falecimento.

**BRIÁ** – Literalmente traduzido como "criação". É o segundo mundo espiritual. Pessoas que serviram a D'us com o cérebro e muita dedicação durante a vida atingem este nível.

**IETSIRÁ** – "Formação". É o terceiro mundo espiritual. Aqueles que serviram a D'us com o coração durante a vida atingem este nível.

**ASSIÁ** – Usualmente traduzido como "ação". É o quarto e último mundo, onde a luz Divina se transformou em matéria.

**SEFIROT** – Instrumentos ou atributos Divinos presentes nos mundos espirituais e no mundo material. São usados por D'us no processo de criação dos mundos e como meio de comunicação entre Ele e os mundos.

## O Tetragrama e os Mundos

O Tetragrama é o nome de D'us inefável, e possui quatro letras. De acordo com os ensinamentos esotéricos, cada letra tem uma característica semelhante a um Mundo Espiritual. As duas primeiras letras, Yud e Hei, correspondem aos Mundos Espirituais mais elevados e ocultos, conhecidos como Alma de Itkássia – Mundos Ocultos, enquanto as letras Vav e Hei correspondem aos Mundos Materiais mais inferiores e revelados que são conhecidos como Alma de Itgália – Mundos Revelados.

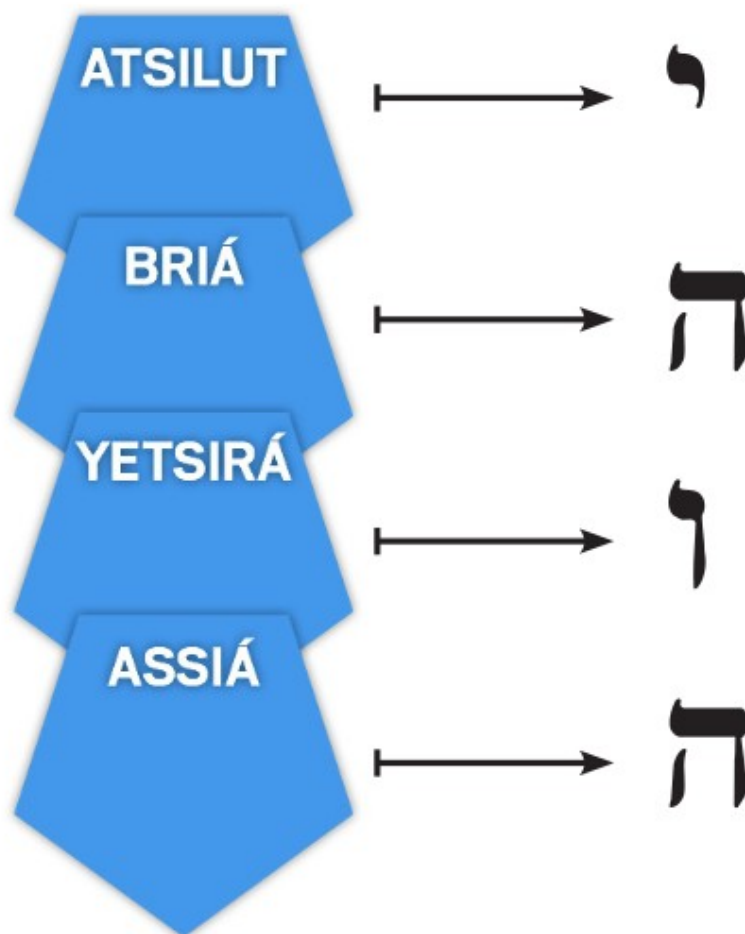
Este conceito está expresso na frase (Deuteronômio 29:28):

הנסתרות לִי-ה אלוֹקֵינוּ, וְהַנִּגְלוֹת לָנוּ וּלְבָנָנוּ

“Os segredos pertencem ao nosso D'us, enquanto os aspectos revelados, a nós e nossos filhos”

### ATSILUT

A palavra Atsilut, em hebraico, tem origem na palavra estlo, que significa ou "Seu lado", ou seja, ao lado e próximo a D'us. Neste mundo, a luz divina é tão intensa a ponto de as Sefirot estarem totalmente anuladas perante essa grande emanção (a palavra Atsilut, em hebraico, também significa "emanção"). O Grande



Arizal usa as seguintes palavras para determinar este efeito: Hiu ve'garmoi chad – “Ele e suas Sefirot são um”. No mundo de Atsilut, se dá a junção do infinito com o finito, da Luz Divina (Or Ein Sof) com as Sefirot, algo que transcende a compreensão humana, por isto o Zôhar apelida as Sefirot de Atsilut como Razá de Meimenuta ("o segredo da fé"). A diferença entre o mundo de Atsilut e os outros mundos (Briá, Ietsirá e Assiá), se expressa no fato de que “o mundo de Atsilut é literalmente Divindade” (Tania, Cap. 49), e na "consciência" do mundo de Atsilut não há nada além de D'us, enquanto os outros mundos são criados de modo que, em suas consciências, são existências tangíveis e particulares.

### BRIÁ

A palavra Briá, de acordo com o sábio Nachmânides, é a única palavra na Torá para definir algo criado do nada, ou seja, *exnihilo*, e na terminologia usada nos livros místicos, criação yesh me'áin (algo a partir do nada). Entre Atsilut e Briá, a Luz Divina sofre condensações e ocultações tão fortes a ponto de que é possível criar algo que desconhece sua origem e sua fonte. Porém, apesar de todas as contrações e condensações da Luz Divina, o mundo de Briá se encontra na sequência do mundo de Atsilut, e é sentido nele que toda a sua existência, depende da luz Divina, como os peixes, que estão constantemente conectados na sua fonte vital – a água –, e, ao sair dela, morrem. Assim, as criaturas no mundo de Briá sentem-se “engolidas” por sua fonte de vida, a Luz Divina, sem nenhuma possibilidade de desconectar-se dela. É claro que tais criaturas também são incapazes de sentirem-se yesh – “algo” – e como uma existência tangível e independente.

### YETSIRÁ

O terceiro mundo, chamado Ietsirá, deriva da palavra hebraica tsurá – "formação". No Mundo de Ietsirá, a matéria criada yesh me'áin, no mundo de Briá toma sua primeira forma.

### ASSIÁ

O quarto mundo, chamado de Assiá, tem este nome pois, em hebraico, a palavra Assiá significa “tikun”, "conserto", onde todas as criaturas que tiveram o início de sua criação acima, tem sua forma finalizada. O mundo de Assiá espiritual, precede a criação do mundo de Assiá material.

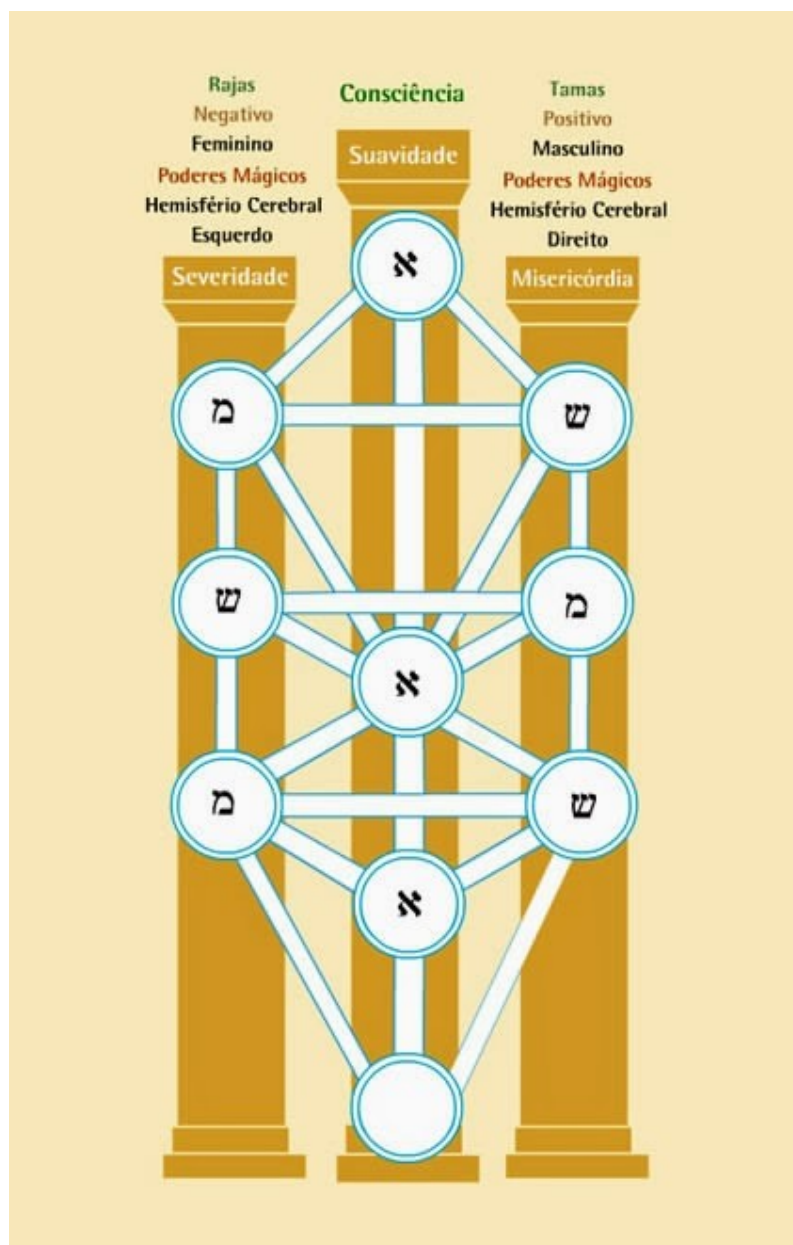
## HISHTALSHELUT

O conjunto dos mundos citados anteriormente, juntamente com todas suas particularidades, é chamado de Hishtalshelut que, em hebraico, tem origem na palavra shalshelut, "corrente". Uma corrente é composta pelo conjunto de argolas, interligadas entre si. **Do mesmo modo, todos os mundos com seus detalhes, níveis e particularidades são interligados entre si, formando uma grande corrente chamada Hishtalshelut, onde, cada nível dentro de seu mundo representa uma argola desta grande corrente.** Todos os mundos, e seus níveis particulares, são originados e descem do nível que os precederam. O pensamento e a fala do homem podem servir como um exemplo para este conceito: quando o homem pensa, as letras do assunto estão presentes no pensamento. No ato da fala, as letras são materializadas. Podemos dizer, portanto, que as letras da fala são derivadas e são uma hishtalshelut das letras do pensamento.

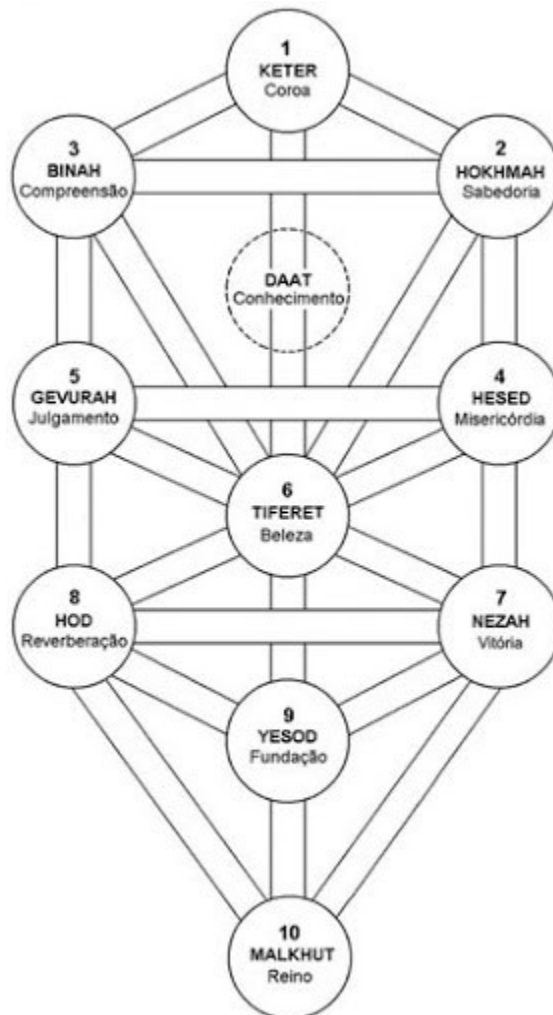
# Os pilares da árvore da vida

Os pilares são divididos em três:

Pilar Esquerdo: Feminino. O Pilar da Severidade. (FORÇA)  
Pilar Médio: Andrógino. O Pilar da Suavidade. (EQUILÍBRIO)  
Pilar Direito: Masculino. O Pilar da Misericórdia. (BELEZA)



## A árvore da vida – OTZ CHIIM



Acima, vemos o diagrama da Otz Chiim (Árvore da Vida), que se presta a várias interpretações, dentro da Cabala. Ela é constituída por 10 Sefiroth (que significa literalmente contagem, mas acabou sendo usado como esferas ou emanções). No livro Zohar vemos que cada Sefira representa um atributo divino, os quais devemos adquirir em nossa jornada de evolução.

A contagem começa de cima para baixo, pois o 1 deve ser a Unidade, o Divino, que é representado por Kether (Coroa), a esfera do topo. A 2ª é Chokmah (Sabedoria), a 3ª Binah (Entendimento), a 4ª Chesed (Misericórdia), a 5ª Geburah (Força, Severidade), a 6ª Tiphareth (Beleza), a 7ª Netzach (Vitória), a 8ª Hod (Glória), a 9ª é Yesod (Fundamento) ou Tsedek (Justiça), e a 10ª Malkuth (Reino).

A coluna central se estende de cima a baixo das outras duas. As Sefhiroth correspondem a importantes conceitos metafísicos, a verdadeiros e próprios níveis ao Interior da Divindade. De outro modo, eles são também associados às situações práticas e emotivas perpassadas em cada um de nós, na vida cotidiana. As Sefhiroth são dez princípios basilares, reconhecíveis na multiplicidade desordenada e complexa da vida humana, capazes de unificá-la e dar-lhe sentido e plenitude. Observando a figura, nota-se que as dez Sefhiroth estão interligadas por vinte e dois canais: três horizontais, sete verticais e doze diagonais. Cada canal corresponde a uma das vinte e duas letras do Alfabeto Hebraico.

A Árvore da Vida é o programa segundo o qual se desenvolveu a criação dos mundos; é o caminho de descida através do qual as almas e as criaturas tomaram a sua forma atual. Este é também o sentido de reabilitação, através do qual todo criado pode retornar ao convívio de quem tudo anela: a unidade do “seio do Criador”, segundo uma famosa expressão cabalística. A “Árvore da Vida” é a “escada de Jacó” (cf. Gênesis 28), a cuja base está apoiada a terra, e no topo toca o céu. Ao longo dela os anjos, isto é as múltiplas formas de consciência que animam a criação, sobem e descem continuamente. Ao longo dela sobe e desce também a consciência dos seres humanos.

Através da Árvore da Vida chega o nutrimento energético presente nos campos de Luz divina que circundam a criação. Tal nutrimento escorre e desce pela série de canais e das Sefhiroth, associando-se e subdividindo-se, até chegar às criaturas, que delas necessitam para sustentar-se na vida. Através da Árvore da Vida sobem também as preces e os pensamentos daqueles que procuram Deus, e que desejam explorar (reami) sempre mais vastos e perfeitos do Ser.

As três colunas da Árvore da Vida correspondem aos três caminhos que cada ser humano tem pela frente: o Amor (à direita), a Força (à esquerda), e a Compaixão (ao centro). Somente o caminho do meio, chamado também “caminho real”, tem em si a capacidade de unificar os opostos. Sem a coluna central, a Árvore da Vida se transforma naquela do conhecimento do bem e do mal. As colunas à direita e à esquerda representam por sua vez as duas polaridades basilares de toda a realidade: o masculino à direita e o feminino à esquerda, dos quais resultam todos os outros pares de opostos presentes na criação.

O principal ensinamento contido na doutrina cabalística da Árvore da Vida é

aquele da integração dos componentes masculino e feminino, a efetuar-se seja no interior da consciência humana seja nas relações de casal. Os cabalistas explicam que o motivo principal por que Adão e Eva se deixaram enganar pela serpente foi o fato de que o seu (rapporto) não era ainda perfeito. O pecado de Adão consistiu em ter desejado conhecer em profundidade a dualidade sem ter primeiro feito a experiência suficiente do estado da unidade Divina, e sem ter levado tal unidade ao interior da sua relação com Eva. A serpente se insinuou na (fratura) entre os dois primeiros companheiros da história humana, e aí colocou o seu veneno mortal.

Depois do pecado, a Árvore da Vida foi ocultada, para impedir que Adão, com o mal que tinha (ormai) já (assorbito), tivesse acesso ao segredo da vida eterna e, assim fazendo, (rendesse absoluto) tivesse assumido o princípio do mal. Adão teve de fazer a experiência da morte e da destruição, pois que ele mesmo havia assim escolhido. Através de tais experiências negativas, o seu ser corrompido se poderia libertar do veneno da serpente, para tornar-se a criatura eterna que Deus tinha concebido. Analogamente, todas as experiências trágicas e dolorosas, que, portanto, possam suceder durante a vida humana (Deus nos livre disto), são todavia ocasiões preciosas para darse conta da distância interposta entre o estado ideal, do qual conservamos uma memória no supraconsciente, e o estado atual. Existe, porém, um caminho mais fácil, mais agradável, o qual, embora não eliminando completamente o amargo do remédio, permite desde agora alcançar a alegria e a perfeição contida na Árvore da Vida, em medida variável segundo a capacidade de cada um. Ela consiste no estudo da sabedoria esotérica: a Cabala.

Depois de haver perdido o estado paradisíaco do Jardim do Éden, a humanidade não tem mais acesso direto à Árvore da Vida, que permanece a única resposta verdadeira às necessidades de infinitude, de alegria e de eternidade que carregamos dentro de nós. Como diz a Bíblia, o caminho que conduz à Árvore é guardado por um par de Querubins, dois Anjos armados com uma espada flamejante. Isto, porém, não significa que o caminho seja de todo inacessível. Segundo a tradição oral, os dois Querubins possuem um o rosto masculino e o outro um rosto feminino. Eles representam as duas polaridades fundamentais da existência, bem como simbolizam seus planos mais elevados da consciência. Com a gradual reaproximação e reunificação de tais princípios, estes anjos deixam de ser os “Guardiões da entrada”, cujo propósito consiste em afastar todos aqueles que não têm o direito de entrar, e se tornam ao invés as colunas que sustentam a porta que reconduz ao Jardim do Éden. A sua própria presença serve de indicação e de ponto de referência para quantos estão buscando de retornar a Casa.

Não se trata, porém, de um trabalho fácil. Os dois Querubins têm na mão uma

espada flamejante de duplo corte. Entre muitas outras coisas, isto simboliza a destruição dos dois Templos de Jerusalém. O exílio do povo hebreu é a continuação do exílio de Adão. Cada um de nós, na vida, deve confrontar-se com esta dupla destruição, com uma dupla queda (física e espiritual, moral e humana), com um duplo esconder-se de Deus. Um versículo do Deuteronômio diz (31,18):

*“...pois que naquele dia eu lhes ocultarei duplamente a Minha face”.*

Trata-se de uma dupla crise, seja ao nível de vida prática seja de fé interior, uma iniciação, através da qual devemos passar se queremos o mérito de encontrar a estrada. Se, depois da experiência repetida do sofrimento e do exílio, a nossa fé permanece intacta, e o nosso desejo de Deus e da verdade permanece inabalável, então nos é mostrada a Árvore da Vida. Analogamente, logo depois da destruição do segundo Templo, o Zohar (Livro do Esplendor) foi revelado ao mundo, e com ele é dada a descrição da Árvore da Vida. A estrada estava reencontrada, o caminho se reabria para todos os buscadores de Deus na verdade.

As espadas dos Querubins se transformam em dois pares de asas cruzadas no alto, e juntas definem o arco colocado sobre o portal de entrada do jardim do Éden: a Quinquagésima Porta do Conhecimento, “a Porta do Senhor, através da qual entram os justos”. Eles se tornam assim os Querubins que encimavam a Arca da Aliança, um com o rosto masculino, outro com rosto feminino.

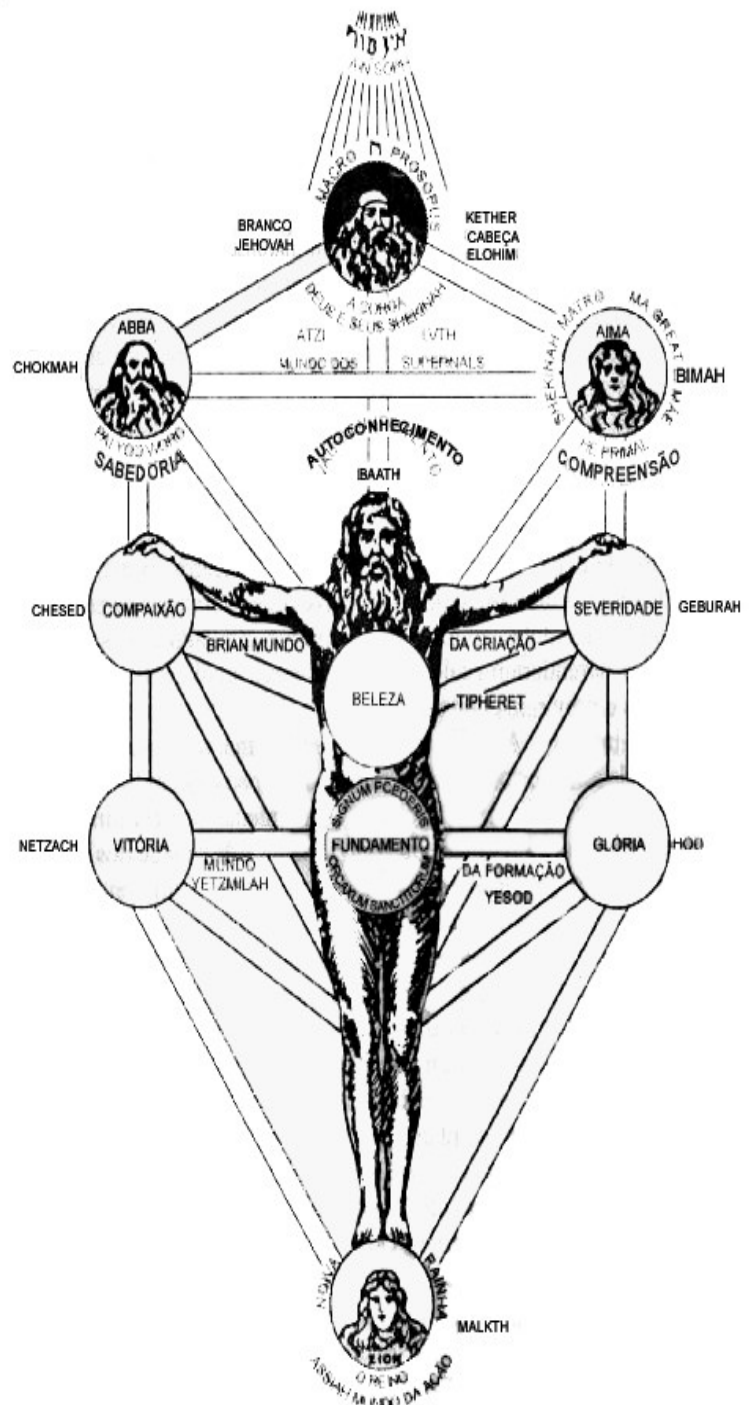
Como já foi dito, a Árvore da Vida é o projeto seguido por Deus para criar o mundo. As Sefiroth são a origem de todos os setores da existência, seja no mundo físico seja no psicológico, bem como no espiritual.

Um exemplo disto, no mundo físico, vem-nos da própria estrutura do sistema solar. No seu centro está o Sol, que representa a Sefiroth chamada Kether ou “Coroa”, a mais alta da Árvore, da qual provém a luz que enche e vitaliza todas as outras. Os nove planetas que giram ao redor representam as outras nove Sefiroth, segundo uma simples correspondência linear, de Mercúrio – Chokmah a Plutão – Malkuth. Ao estudar as características de cada uma delas é possível ver emergir uma inequívoca semelhança com os traços astronômicos e astrológicos possuídos pelo planeta correspondente. Nota-se como a estrutura da Árvore já contivesse lugar para os três planetas mais distantes do Sol, descobertos só recentemente. No caso de que a ciência revelasse a existência de um outro planeta, como alguns cálculos e as pesquisas fazem crer provável, ela será colocada no lugar da undécima Sefiroth, chamada Da’ath ou “Conhecimento”, uma misteriosa Sefiroth que embora tendo uma posição importantíssima na Árvore não é, todavia, contada solidamente junto com as outras.

No plano psicológico, as dez Sephiroth são dez estados da psiqué humana. A mais alta, a Coroa, é a condição, entretanto raramente experimentada, da total transfiguração no transcendente. Existem, pois dois tipos diferentes de conhecimento intelectual, correspondentes à percepção separada dos dois hemisférios cerebrais: a primeira mais artística e intuitiva, a segunda mais lógica e racional. Bastaria este dado para confirmar a extrema modernidade e cientificidade da Cabala. Outras formas de misticismo se prestam mais às críticas dos racionalistas e dos céticos, que as acusam de ser vagas, confusas e arcaicas, fruto da experiência e visões subjetivas, de todo modo contrárias à verdade científica. A Cabala ao contrário antecipou há séculos descobertas da ciência. Por exemplo, o Zôroastro depois, contêm uma acurada divisão do conhecimento presentes no cérebro humano em dois cérebros direito e outro com o esquerdo.

Depois das primeiras três Sephiroth encontram-se seis estados emotivos da psiqué, três mais interiores e três mais exteriores, mais próximos da experiência física. Todos os seis são colocados na posição fundamental entre Chesed (Amor) e Geburah (Força), conhecidas também como atração e repulsão. Enfim, a última Sephiroth, Malkuth (Reino), corresponde a um estado psicológico voltado, sobretudo, às contingências do mundo físico e às suas necessidades.

No plano mais espiritual as dez Sephiroth se tornam as “Dez Potências da Alma”, dez luzes ou fontes de energia, que ajudam constantemente o crescimento daqueles que estão conectados com elas, no seu caminho de retorno à Árvore da Vida.



A ÁRVORE SAGRADA DA CRIAÇÃO

## As Sephiroth

Sephiroth I - KETHER - A Coroa. O poder equilibrante que torna possível o universo manifesto. É a esfera da sabedoria, da inteligência divina, onde tudo se une, onde tudo perde o conceito, e o místico sente apenas um brilho, como que uma coroa que o rodeia, ininteligível e incompreensível. É o resplendor total!

Sephiroth II – CHOKMAH. Sabedoria Superior, equilibrada em sua ordem imutável pela iniciativa da inteligência. Nessa esfera, o místico já não é um homem comum; descobriu a Verdade. E a verdade o libertou. Já não age pela natureza, mas pela divindade. Aqui o homem está muito mais para seu Criador que para o mundo.

Sephiroth III – BINAH. Inteligência ativa ou Espírito, equilibrada pela sabedoria. Binah é a inteligência - a grande inteligência que surge como luz, no mais alto misticismo. É a inteligência divina que conduz a Kether.

Sephiroth IV – CHESED. Clemência ou Misericórdia, que é a sabedoria em sua concepção secundária, sempre benevolente porque é forte. É onde o místico sente pela primeira vez a união entre o eu e o tu, através da beleza, do tempo e do espaço. É onde o místico divide sua comunhão com Deus e com o tu. Tem que passar pelo tu, pelo outro, senão não chegará a Kether. É onde o místico compartilha a sua beleza. Mas a Misericórdia é mais que uma ajuda, é sentir-se a pessoa, unir-se à sua alma, ao seu espírito e com ela formar uma só força, porque sem união (Chesed) não há força.

Sephiroth V – GEBURAH ou PECHAD. Severidade (Medo ou Pecado), compelida pela própria sabedoria e pela boa vontade. Permitir o mal é obstruir o bom. É a esfera da falha, do medo frente à Vitória. Se na Vitória é como diz a Bíblia: "Em todo lugar onde eu fizer celebrar a memória do meu nome, virei a ti e te abençoarei" (Êxodo, 20: 24), em PECHAD se pode citar: "Lembra-te, pois, de onde caíste, arrepende-te, e volta à prática das primeiras obras; e se não, venho a ti e moverei do teu lugar o teu candeeiro, caso não te arrependas". (Apocalipse, 2: 4). PECHAD é a saída do Caminho da Verdade, a vitória da ilusão - da Sombra

(Imagem) sobre a Luz.

Sephiroth VI – TIPHEREETH. Graça ou Beleza, a concepção luminosa do equilíbrio nas formas, intermediária entre a coroa e o reino, princípio mediador entre criador e criações, sublime concepção da poesia e seu sacerdócio soberano! A Beleza é um caminho por onde se começa a caminhar deixando para trás a glória estática. A beleza sempre se move e se transmuda. Poucos podem ver o que há por trás da beleza. Em TIPHEREETH termina uma etapa e começa outra. Nesse ponto o místico já não vê separação, mas união.

Sephiroth VII – NETZACH. A Vitória, ou seja, triunfo eterno da inteligência e da virtude. Não se trata da vitória sobre outros, mas da vitória mística, a vitória eterna. Ao passar por JESOD, chega-se à Vitória. Mas essa passagem e chegada não significam que o místico está vitorioso, pois o homem tem muitas vitórias e fracassos. NETZACH significa que ele não voltou atrás (PECHAD), sobrepujou o tempo e o espaço.

Sephiroth VIII – HOD. Honra ou Glória. Eternidade das conquistas da mente sobre a matéria, do ativo sobre o passivo, da vida sobre a morte. A Glória é a paz a que o místico chega depois da Vitória. Uma glória sem conceito de glória, mas uma plataforma num plano mais elevado onde conceitos perdem o sentido. Com a glória o homem pode entender TIPHEREETH - A Beleza. Toda beleza que tem conceito perde o seu valor em HOD.

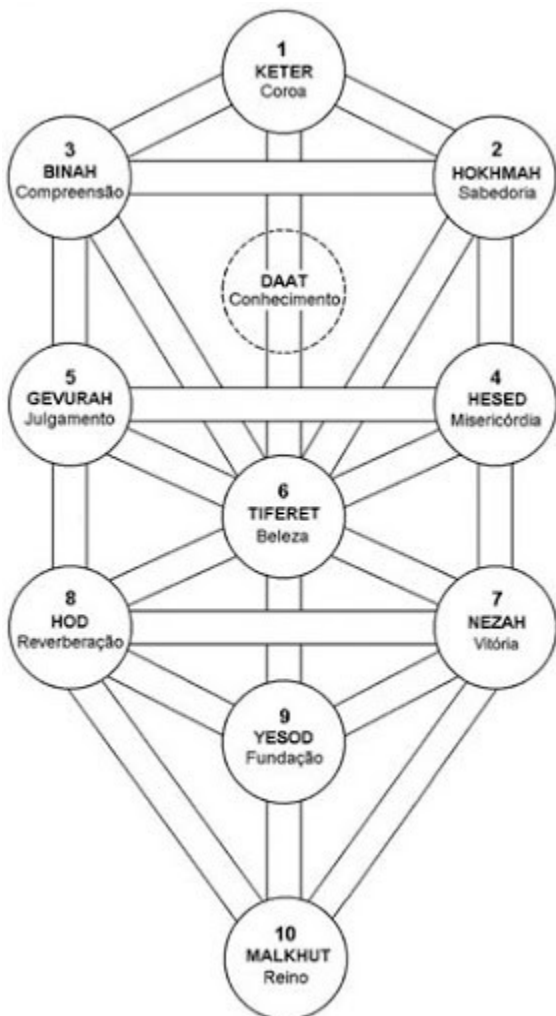
Sephiroth IX – JESOD. A Fundação ou Limite, base de toda a crença e de toda a verdade, o absoluto em filosofia. É onde termina o que nós podemos ver, tocar ou sentir da criação. É o limite entre esse e o outro mundo. Ele é a divisão entre os dois mundos, os dois grandes caminhos do universo; por isso é a fundação. JESOD é as fronteiras do homem.

Sephiroth X – MALKUTH. O Reino, significando o universo, a criação inteira, obra e espelho de Deus. Malkuth é o reino dentro do qual estamos vivendo. Dentro desse reino, o cabalista não precisa de um templo para adorar um Deus: "Não sabeis que vosso corpo é um templo onde habita o espírito de Deus" (São Paulo). Tudo é criação. E nesse reino o homem, ao mesmo tempo que é parte da criação, também a cria. A mística de Malkuth é sentir-se um com o todo, sentir o universo, o eu no você.

## Daat, os caminhos e os nomes divinos

Acima desses dois extremos, temos a esfera que não é esfera, **Daat**. Ela permanece invisível, localizada entre Binah e Chokmah, e está associada ao conhecimento. Note que esta escalada pode se dar de duas formas: Ao meditar no conhecimento você adquire o entendimento (**Binah**) e depois vem a aplicação desse entendimento na sua vida, que é a sabedoria (Chokmah, ou Hockmah). Ou você pode ir direto para o uso do conhecimento (sabedoria) e só depois ele estará introjetado na sua vida (entendimento). Assim é a vida. Não existe UM caminho, assim como não existem duas vidas iguais. Dá o que pensar o fato de Daat não ser de fato uma esfera. Sugere que o conhecimento vem de fora (um Mestre), mas também que o conhecimento por si só não é um atributo Divino. Muitos o têm, e o utilizam para o mal. Existem também aqueles com vasto conhecimento e que não entendem de fato o que aprenderam. Os Fariseus eram ótimos exemplos, eram doutores da Lei, mas não penetravam sua essência, apegados que estavam à forma e à palavra (até hoje há religiões que seguem tudo ao pé da letra, vocês sabem...).

O conhecimento é importante sim, mas como uma ponte para o entendimento e a sabedoria. Kether é a primeira emanção do Divino.



O Supremo Nada, a origem de tudo. É onde a criatura se funde ao Criador, retornando ao seu estado mais puro. Seria a iluminação? As 10 Sefiroth são ligadas por 22 caminhos, e constituem as vias pelas quais a Luz infinita e a força criadora fluem. Imaginem Kether como a taça da mais pura água, que transborda e derrama para as taças abaixo, adquirindo em cada uma um sabor. À medida que transbordam, vão influenciando o sabor das outras mais abaixo. Nós estamos em Malkuth: a última esfera. A mistura de todos os sabores, e ao mesmo tempo nenhum sabor específico. Mas ainda assim é composta basicamente de água (**Kether**). Quem

conseguiu provar dos sabores das taças superiores sente que está mais próximo da verdadeira essência, e se torna um especialista em identificar esse sabor no aparente caos que é Malkuth: O ponto mais baixo da escalada. Temos a comprovação cabal quando pegamos o número 1 do Kether e o 10 de Malkuth.

Mas antes, vamos analisar um dos nomes Divinos: **AIN SVP AVR** (Ain Soph Or), que significa Luz infinita. AIN se traduz como o “nada”, no sentido de indefinível, imanifesto.

O que simplesmente É. São 9 letras, que simbolizam as 9 primeiras Sefiroth. Não podemos ir adiante sem voltarmos ao início (o 1) e ao “nada” (AIN), na forma de 10. Assim, “Kether está em Malkuth, e Malkuth está em Kether“, como atesta um dos aforismas cabalísticos.

O Rabi Shimon confirma: “O mundo inferior foi feito à imagem do mundo superior. O inferior não é senão o reflexo do superior, para que a unidade seja perfeita“. E isso nos remete à Platão e sua Alegoria da caverna... Apesar de ter características diferenciadas, as dez Sefiroth constituem uma unidade, assim como as cores do arco-íris podem ser formadas de uma única fonte de luz.

Como podemos perceber pelos “caminhos” entre as Sefiroth, há opções para se ir a uma esfera mais alta sem passar por uma intermediária, mas vai depender das escolhas de cada um, escolhas que fazemos aqui na Terra. E, como também podem perceber pelo diagrama, são muitos os caminhos para Deus. Caminhos de extremos ou de equilíbrio. Mas notem que o caminho do equilíbrio (do meio) é o mais “curto”.

{As Sefirot também se expressam na forma de sentimentos ou emoções. Uma pessoa em que nela predomina a bondade (Chéssed), tende a amar o próximo naturalmente; já aquela em que Malchut predomina, tende a ser humilde.}

## Atributos



## Sentimentos



Vídeos complementares:

[Árvore da Vida - Cabala](#)

[Entenda o que é a Árvore da Vida na Kabbalah](#)

[Live - Árvore da Vida](#)

[A KABALAH DO AUTO-CONHECIMENTO - Entendendo as SEFIROT  
\(Emanações de D-us\)](#)

Bônus

[Cabala Hermética - Mapa Interno | Primeiro Caminho | Os Três Processos |  
Respiração Consciente](#)

[72 Anjos da Cabala- 2016](#)

## Referências bibliográficas

<https://www.polareditorial.com.br/produtos/bahir/>

[https://pt.chabad.org/library/article\\_cdo/aid/3669262/jewish/O-que-Lag-Baomer.htm](https://pt.chabad.org/library/article_cdo/aid/3669262/jewish/O-que-Lag-Baomer.htm)

[https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A4fer\\_Yetzir%C3%A1#:~:text=O%20drag%C3%A3o%20\(%D7%AA%D7%9C%D7%99\)%20domina%20o,como%20um%20rei%20em%20guerra.](https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A4fer_Yetzir%C3%A1#:~:text=O%20drag%C3%A3o%20(%D7%AA%D7%9C%D7%99)%20domina%20o,como%20um%20rei%20em%20guerra.)

<https://escola.britannica.com.br/artigo/Talmude/482633>

Guia para iniciantes em Cabalá (Rav Laitman, Kabbalah for Beginner)

Conceitos Básicos da Cabala - Rav Michael Laitman, PhD

Curso breve de Qabalah (circulo iniciático de Hermes)

Curso de Cabala Com noções de Hebraico & Aramaico Volume I

A Arvore da Vida

A Kabbalah Revelada, Filosofia oculta e ciência - Knorr Von Rosenroth

Guia da sabedoria oculta da Cabala

Iniciação à Cabalá – Módulo I (Gal Enai, instituto internacional de difusão de Cabala)

Guia da sabedoria oculta da Cabala

Cabala para Estudantes - MICHAEL LAITMAN

Livro Aberto

Tratado sobre Cabalá Literal (Gematria) - Lochem Sod

Voz da Cabala - Rav Dr. Michael Laitman

Todos os matérias (PDFs) que foram usados na organização dessa apostila estão no grupo



>>> [Grupo do telegram](#) <<<

Click acima

